



Universidades Lusíada

Garrido, Flávia Cristina da Costa, 1997-

A relação entre as práticas parentais e a violência no namoro

<http://hdl.handle.net/11067/5826>

Metadados

Data de Publicação

2020

Resumo

A adultez emergente é um conceito recente e diz respeito aos jovens que parecem adotar comportamentos característicos da adolescência, mas com a independência e autonomia característicos da adultícia. Nesta fase, os jovens iniciam suas relações íntimas com o objetivo de criar um futuro e uma família. No entanto, as relações podem ser marcadas por episódios de violência, criando-se assim situações designadas de violência no namoro. Esta violência é um problema comum nos jovens e parece estar rela...

Emerging adulthood is a recent concept and concerns young people who seem to adopt behaviors characteristic of adolescence, but with the independence and autonomy characteristic of adulthood. At this stage, young people begin their intimate relationships with the aim of creating a future and a family. However, relationships can be marked by episodes of violence, thus creating situations called dating violence. This violence is a common problem in young people and seems to be related to the child...

Palavras Chave

Violência no namoro, Pais e Filhos, Parentalidade

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T11:24:22Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**A relação entre as práticas parentais
e a violência no namoro**

Realizado por:
Flávia Cristina da Costa Garrido

Orientado por:
Prof.^a Doutora Elisa Kern de Castro

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Orientadora: Prof.^a Doutora Elisa Kern de Castro
Arguente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Dissertação aprovada em: 26 de fevereiro de 2021

Lisboa

2020



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A relação entre as práticas parentais e a violência no namoro

Flávia Cristina da Costa Garrido

Lisboa

novembro 2020



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A relação entre as práticas parentais e a violência no namoro

Flávia Cristina da Costa Garrido

Lisboa

novembro 2020

Flávia Cristina da Costa Garrido

A relação entre as práticas parentais e a violência no namoro

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Elisa Kern de Castro

Lisboa

novembro 2020

FICHA TÉCNICA

Autora Flávia Cristina da Costa Garrido
Orientadora Prof.^a Doutora Elisa Kern de Castro
Título A relação entre as práticas parentais e a violência no namoro
Local Lisboa
Ano 2020

MEDIATECA DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

GARRIDO, Flávia Cristina da Costa, 1997-

A relação entre as práticas parentais e a violência no namoro / Flávia Cristina da Costa Garrido ; orientado por Elisa Kern de Castro. - Lisboa : [s.n.], 2020. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - CASTRO, Elisa Kern de, 1976-

LCSH

1. Violência no namoro
2. Pais e filhos
3. Parentalidade
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Dating violence

2. Parent and child

3. Parenthood

4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

5. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ801.83.G37 2020

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Elisa Kern de Castro pelo apoio, pela disponibilidade, orientação, incentivo, confiança, preocupação, carinho e paciência que foram cruciais para a realização desta etapa do meu percurso académico. O meu obrigada muito especial!

À Professora Doutora Túlia Cabrita, pela dedicação e disponibilidade ao longo dos dois anos.

À professora Doutora Tânia Gaspar pela disponibilidade e atenção ao longo destes anos.

À Professora Doutora Iris Almeida e Patrícia Gouveia pela disponibilidade e auxílio.

Um especial agradecimento à Doutora Adelaide Pinheiro pela confiança, carinho, ajuda e compreensão nos momentos mais difíceis.

À Joana Martins e Mónica Delfino por me terem apoiado e por serem as pessoas fantásticas e especiais que são.

Um agradecimento às minhas três colegas de curso, e companheiras para a vida, Alexandra Paulito, Isabel Fernandes e Verónica Riacho, por todas as vivências e partilhas.

Aos meus pais, por serem o meu porto seguro, por sempre me apoiarem em todas as decisões que tomo e por estarem sempre comigo, nos melhores e piores momentos.

À minha sobrinha Ariel, porque mesmo sem saber foi uma motivação para terminar esta etapa.

Por fim, a mim própria pelo esforço e por estar a seguir os meus sonhos mesmo com todas as dificuldades.

“Um dia quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que fizeste a diferença na vida de alguém.”

Da autoria da minha mãe

Resumo

A adultez emergente é um conceito recente e diz respeito aos jovens que parecem adotar comportamentos característicos da adolescência, mas com a independência e autonomia característicos da adultícia. Nesta fase, os jovens iniciam suas relações íntimas com o objetivo de criar um futuro e uma família. No entanto, as relações podem ser marcadas por episódios de violência, criando-se assim situações designadas de violência no namoro. Esta violência é um problema comum nos jovens e parece estar relacionada com a infância dos indivíduos, nomeadamente com o estilo parental vivenciado na infância. O objetivo deste estudo é caracterizar as atitudes dos jovens frente à violência no namoro e identificar preditores dessas atitudes (estilos e práticas parentais e características sociodemográficas). No estudo participaram 120 estudantes do ensino superior, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos. A recolha de dados foi realizada através dos instrumentos inventário de conflitos nas relações de namoro (EAVN) e a escala de atitudes acerca da violência no namoro (CADRI). Como resultados, verificou-se que 86% dos jovens possuem comportamentos violentos na relação, sendo que se verificou que quanto mais autoritários e permissivos os pais forem, maior tolerância à violência no namoro. Verificou-se ainda que estes estilos parentais, nomeadamente por parte da mãe, são preditores da tolerância à violência física feminina, assim como por parte do pai, são preditores da tolerância à violência física masculina. Em suma, verificou-se que os estilos parentais influenciam a forma como os jovens toleram a violência.

Palavras-chave: Violência no namoro, estilos parentais, atitudes, tolerância

Abstract

Emerging adulthood is a recent concept and concerns young people who seem to adopt behaviors characteristic of adolescence, but with the independence and autonomy characteristic of adulthood. At this stage, young people begin their intimate relationships with the aim of creating a future and a family. However, relationships can be marked by episodes of violence, thus creating situations called dating violence. This violence is a common problem in young people and seems to be related to the childhood of individuals, namely the parenting style experienced in childhood. The aim of this study is to characterize the attitudes of young people towards dating violence and to identify predictors of these attitudes (parenting styles and practices and sociodemographic characteristics). The study involved 120 students of higher education, of both genders, aged between 18 and 28 years. Data collection was carried out using the instruments of inventory of conflicts in dating relationships (EAVN) and the scale of attitudes about dating violence (CADRI). As a result, it was found that 86% of young people have violent behavior in the relationship, and it was found that the more authoritarian and permissive the parents are, the greater tolerance for violence in dating. It was also found that these parenting styles, namely by the mother, are predictors of tolerance to female physical violence, as well as by the father, are predictors of tolerance to male physical violence. In short, it was found that parenting styles influence how young people tolerate violence.

Keyword: Dating violence, parenting styles, attitudes, tolerance

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos participantes

Tabela 2 - Prevalência da violência no namoro no total e nas diferentes formas

Tabela 3 - Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função do género

Tabela 4 - Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função de ser filho único ou não

Tabela 5 - Diferenças na prevalência das diferentes formas da violência em função de estar ou não numa relação

Tabela 6 – Diferenças na legitimação da violência no namoro e da prevalência das diferentes formas de violência em função do consumo de drogas

Tabela 7 – Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função da exposição a violência intrafamiliar (partir objetos)

Tabela 8 - Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função da exposição a violência intrafamiliar (insultos)

Tabela 9 - Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função da exposição a violência intrafamiliar (empurrões)

Tabela 11 – Correlação entre a legitimação da violência no namoro e da rejeição por parte dos pais (individualmente)

Tabela 12 - Correlação entre a legitimação da violência no namoro e do suporte emocional por parte dos pais (individualmente).

Tabela 13 – Correlação entre a legitimação da violência no namoro e da sobreproteção por parte dos pais (individualmente).

Tabela 14 - Correlação entre a variável tolerância da violência e a variável existência de violência intrafamiliar

Tabela 15 – Regressão linear entre as variáveis da escala EAVN e as variáveis da escala EMBU

Tabela 16 – Regressão linear entre as variáveis da escala EAVN e as variáveis da escala EMBU

Sumário

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Tabelas	ix
Introdução	1
Enquadramento Teórico	4
Adulto Emergente	4
A adulez emergente no contexto português	5
A adulez emergente e as relações amorosas	6
Violência no Namoro	7
Estilos e Práticas Parentais	13
Estilos Parentais e Violência no Namoro	16
Objetivos	20
Objetivos específicos	20
Método	21
Amostra	21
Instrumentos	23
Questionário de Caracterização Sociodemográfica	23
Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)	23
Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI)	24

EMBU – Memórias de Infância.....	26
Procedimento	26
Análise de dados	27
Resultados	28
Discussão	42
Conclusão	49
Referências	51
ANEXOS	59
LISTA DE ANEXOS	60
Anexo A – Consentimento Informado	60
Anexo B – Questionário sociodemográfico.....	60
Anexo C – EAVN	60
Anexo D – CADRI	60
Anexo E – EMBU.....	60
ANEXO A.....	61
ANEXO B.....	64
ANEXO C.....	69
ANEXO D.....	75
ANEXO E.....	80

Introdução

Os jovens entre os 18 e os 25 anos, passam por diversas alterações e mudanças vivenciais e é nesta altura que começam a procurar um parceiro para estabilizar e criar família (Matos, Barbosa & Costa, 2001). As relações amorosas dos adultos emergentes são marcadas pela forte impetuosidade, partilha de interesses, afetos intensos e experiências singulares partilhadas que compreendem a intimidade física e psicológica (Atger, 2004). No entanto, a existência de violência no namoro é algo comum nas relações dos jovens. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2020), a violência no namoro é caracterizada como um ato de violência, pontual ou contínuo, cometido por um (ou ambos) elementos do casal, sendo o principal objetivo dominar e controlar o parceiro. A violência pode assumir diversas formas: psicológica, física e sexual (O’Keefe, 2005; Cristóvão, 2012; APAV, 2020).

A violência no namoro é um fenómeno multicausal e deste modo, possui diversos fatores associados, tais como o historial de agressão precoce, hábitos etnoicos, a exposição à violência intrafamiliar, como observação da violência conjugal dos pais ou por exposição à violência na infância (Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017). Assim, é importante compreender quais os fatores de risco adjacentes, destacando-se as normas socioculturais e as crenças sobre os papéis de género nas relações, que concedem aos homens o controle sobre o comportamento feminino, a aceitação de violência como forma de resolução de conflitos, o conceito de masculinidade ligado à dominação, honra ou agressão, e os papéis rígidos para ambos os sexos (Day et al., 2003; Offenhauer, 2011).

Nos fatores que podem conduzir à violência no namoro, podemos destacar o funcionamento familiar, a observação de violência intrafamiliar e a ausência de práticas parentais educativas adequadas, isolamento social e a ausência de autorregulação

emocional (Caridade & Machado, 2008; Cascardi, 2016; Heine, 2017; Izaguirre & Calvete, 2017). Lage (2019) afirma que um dos principais fatores de risco para a violência nas relações é a aprendizagem e experiências negativas vivenciadas durante a infância, salientando-se aqui a importância dos estilos e práticas parentais. Deste modo, a qualidade da relação amorosa na adultez emergente parece estar relacionada com a configuração familiar dos jovens e da experiência adquirida na infância (Mota & Melo, 2013).

A família é o primeiro ambiente social onde um indivíduo está inserido, e deste modo, é um fator essencial para o desenvolvimento da identidade, da personalidade e da forma como este deve agir perante um ambiente social (Muñiz-Rivas, Vera & Povedano-Díaz, 2019). Deste modo, os pais podem induzir, através da modelagem ou do reforço, certos tipos de comportamento, tais como o tipo de comunicação utilizada, comportamentos violentos, reforços negativos associados à violência física ou psicológica, controlo, posse, entre outros (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004; Rankin, Degnan, Perez-Edgar, Henderson, Rubin, Pine, Steinberg, & Fox, 2009; Moreno-Ruiz, Martínez-Ferrer, & García-Bacete, 2019). Quando estes comportamentos e atitudes são observados pelos jovens, a tendência é que os reproduzam nas suas relações afetivas (Yedra, González, Oliva, Rivera, & Magaly, 2017). Deste modo, as práticas parentais são um aspeto fundamental para se compreender a existência de violência no namoro (Willems, Li, Hendriks, Bartels & Finkenauer, 2018).

Assim, é importante estudar a relação entre os relacionamentos íntimos em jovens adultos em contexto universitário e os estilos e práticas parentais vivenciados na infância, verificando as principais diferenças entre género, ser filho único, duração da relação, estar atualmente numa relação, estado civil dos pais, consumo de drogas e álcool e exposição a violência doméstica entre os pais. Foi também de extrema importância estudar as diferenças entre a tolerância da violência no namoro com o género, exposição a

comportamentos abusivos entre os pais na infância e a vitimização na infância. Por fim, estudou-se a predição entre a tolerância da violência no namoro e as variáveis exposição a violência doméstica e a vitimização na infância.

Na primeira parte deste estudo é explorado o conceito de adultez emergente, o conceito de violência no namoro e o conceito de estilos parentais e a forma como este influencia as relações íntimas. Na segunda parte é abordado os objetivos, a caracterização da amostra, o método utilizado e o procedimento do estudo. Por fim, na terceira parte, são analisados e discutidos os resultados, assim como feita uma conclusão revendo os resultados e objetivos propostos, e discutidas as limitações e sugestões para investigações futuras.

Enquadramento Teórico

Adulto Emergente

A juventude é um período cada vez mais de difícil definição, visto que não há limites claros que diferenciem a adolescência da idade adulta, principalmente com o prolongamento da escolarização e do adiamento da conjugalidade, parentalidade e inserção no mundo de trabalho. Devido a estas alterações e à procura de uma compreensão entre o estágio da adolescência e o estágio da adultez, surgiu uma nova fase de desenvolvimento denominada de adultez emergente (Carneiro & Sampaio, 2015).

A Adultez Emergente é um período situado entre a adolescência e a idade adulta, mais especificamente entre os 18 e os 25 anos de idade, definido pelo adiamento de compromissos e responsabilidades características do adulto, tais como o casamento e a parentalidade, assim como pela simultânea experimentação de papéis que foi iniciada na adolescência (Arnett, 2011). Esta distingue-se da adolescência pela desvinculação do controlo parental e pelo aumento da exploração e descoberta autónoma de si próprio e do mundo, assim como pela instabilidade, autofócus, pela vivência do sentimento “*in-between*” e pela perceção de múltiplas possibilidades (Arnett, 2006a; Arnett, 2006b).

Este período é, tal como a adolescência, classificado como uma época em que o individuo se centra em si próprio, destacando-se desta pela falta de controlo e vigilância parental permanente na adolescência (Arnett, 2000; Monteiro, Tavares & Pereira, 2009; Carneiro & Sampaio, 2015). O *autofócus*, característica comum desta época, cumpre a função de autossuficiência e ocupa um papel central na visão que os adultos possuem acerca da adultícia (Carneiro & Sampaio, 2015). É comum que na adultez emergente, os jovens possuam o sentimento “*in-between*”, isto é, os jovens não se sentem nem adolescentes nem adultos, mas sim a emergir na idade adulta, e é neste período que os

indivíduos sonham com o futuro e criam uma imagem idealizada deste (Carneiro & Sampaio, 2015).

Este conceito da adulez emergente é típico dos jovens nas sociedades industrializadas, e as alterações demográficas ocorridas nas últimas décadas em relação ao timing do casamento, da parentalidade e da transição residencial tornam este período cada vez mais comum na sociedade atual (Carneiro & Sampaio, 2015). Estas mudanças tornam esta fase um período crítico para os jovens, pela dificuldade no mercado laboral (os jovens encaram um mercado que exige níveis de preparação elevados, o que nem sempre é possível para quem acaba de sair da universidade) (Antunes, 2011, Blustein, 2006).

A adulez emergente no contexto português

Nas últimas décadas, os jovens portugueses têm demonstrado características que indicam a presença da adulez emergente, visto existir cada vez mais, um prolongamento da escolaridade (são cada vez mais os jovens a frequentar o ensino universitário), e resultante disso, observa-se o adiamento da transição para o mercado laboral (Guerreiro & Abrantes, 2004; Carvalho, 2017).

Uma das características mais predominantes em Portugal, é a dependência económica da família de origem, e um estudo realizado por Guerreiro e Abrantes (2004) concluiu que os jovens portugueses possuem uma visão dupla da realidade, isto é, primeiramente existe uma época isenta de grandes responsabilidades, em que o principal foco é a experimentação e a aventura, e a família passa a ser vista para o adulto emergente como uma rede de apoio de natureza instrumental, económico e emocional, até que estes consigam posicionar-se no mercado de trabalho (Andrade, 2010). Camargo e Ferrari (2009) fundamentam a ideia descrita anteriormente, de que os pais são uma rede de apoio

para os seus filhos e que deste modo, é importante que estes possuam características adequadas, como confiança, autonomia e segurança, para que possam transmitir estas características aos filhos, para que estes se tornem adultos capazes de lidar com as consequências da adultez.

Na segunda época, que é a fase entre os 18 e os 25 anos, as responsabilidades começam a ganhar importância e o foco passa a ser a estabilidade e os projetos familiares. É importante salientar, que esta segunda época terá de ocorrer antes dos 30 anos de idade, visto que os jovens portugueses parecem seguir um modelo de vida hedonista, em que a partir dessa idade, pretendem assentar e assumir compromissos (Carvalho, 2017). Consequentemente, para os jovens portugueses esta transição da adolescência para a adultez é um período longo.

A adultez emergente e as relações amorosas

Esta fase é marcada também, pelas alterações e mudanças vivenciais que levam os adultos emergentes a procurar desenvolver relações de grande proximidade, intensidade e intimidade com os pares de modo a criarem uma sensação de segurança interna, que é imprescindível para o desenvolvimento da autonomia e adaptação aos diversos contextos (Matos, Barbosa & Costa, 2001). Assim sendo, as relações amorosas são marcadas pela forte impetuosidade, partilha de interesses, afetos intensos e experiências singulares partilhadas que compreendem a intimidade física e psicológica (Atger, 2004). O companheiro romântico passa a ser visto pelo adulto emergente como uma base segura enquanto impulsionadores de apoio e conforto (Bowlby, 1958; Mota & Melo, 2013). No entanto a vinculação com o par e a sensação de base segura, varia de acordo com, a qualidade das relações primordiais e com as experiências de segurança ou

insegurança que o adulto emergente vai vivenciando com a evolução da relação amorosa (Dinero et al., 2009).

Violência no Namoro

O namoro é um tipo de relação interpessoal cuja finalidade passa pela experimentação sentimental e/ou sexual entre duas pessoas, em que existe uma troca de conhecimentos e uma convivência de grau menor de comprometimento do que o casamento (Oliveira & Sani, 2009). Esta relação interpessoal é caracterizada por uma relação horizontalizada em que ambos os parceiros possuem a disponibilidade para terminar o relacionamento de forma livre, caso um dos dois não esteja satisfeito, conferindo igualdade de direito a ambos e conseqüentemente, liberdade. No entanto, é de salientar que as relações íntimas, sejam estas maritais, coabitacionais ou de namoro podem ser pautadas por um índice de disfunção e/ou violência (Paiva & Figueiredo, 2004).

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2020), a violência no namoro é caracterizada como um ato de violência, pontual ou contínuo, cometido por um (ou ambos) elementos do casal, sendo o principal objetivo dominar e controlar o parceiro. A violência pode assumir diversas formas: psicológica, física e sexual (O'Keefe, 2005; Cristóvão, 2012; APAV, 2020).

A violência psicológica sucede quando o agressor recorre de um padrão de comunicação verbal ou não verbal, com o intuito de causar sofrimento psicológico no outro, desrespeitando-o constantemente com o objetivo de controlar o comportamento da vítima (Cristóvão, 2012). Neste tipo de violência destacam-se os insultos e ameaças verbais, ciúmes doentios e isolamento, formas subtis de controlo, manipulação e submissão, humilhação, ameaças contínuas de separação, abandono ou traição, assim

como destruição ou dano de objetos pessoais (Oliveira, 2011; Monteiro, 2015). A violência psicológica produz efeitos nocivos na qualidade de vida da vítima, podendo provocar baixa autoestima, dores crônicas, dificuldades cognitivas e ansiedade (Cornellius, et al., 2009; Foshee & Reyes, 2011).

O abuso físico é caracterizado pelo uso da força física para provocar dor ao parceiro e inclui atos como bater, bofetear, empurrar, abanar, dar pontapés, morder, puxar os cabelos, sufocar e o uso de armas e/ou facas. O uso da força física pode levar a consequências como pequenas lesões e cortes, incapacidade permanente ou morte (Barreiros, 2009; Machado, 2010; Cristóvão, 2012).

A violência sexual consiste na atividade sexual não desejada com recurso à coerção, intimidação, humilhação, subordinação ou falta de defesa (Barreiros, 2009; Machado, 2010). Este tipo de violência é, maioritariamente, caracterizado pela pressão de um parceiro para com o outro, para que existam relações sexuais antes da vítima se sentir pronta para tal, ou, já em contexto de vida sexual ativa, para que a vítima tenha relações sexuais mais vezes do que deseja (Machado, 2010). Assim sendo, a violência sexual é a pressão física ou psicológica com o parceiro, para que este realize condutas sexuais sem o desejar (Machado, 2010).

A violência no namoro, assim como a violência conjugal em geral, acarreta consequências físicas e emocionais para as vítimas, tais como o desenvolvimento de doenças mentais, dores de cabeça, indisposições, angústia emocional e depressão, choro fácil, fadiga e pensamentos suicidas (Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira, & Ribeiro, 2015).

No que diz respeito à prevalência da violência no namoro, um estudo realizado por Beserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo e Ferriani (2016) com 1268 estudantes com

idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos em escolas secundárias da região centro, verificou-se que 5,9% dos indivíduos relataram ter estado envolvidos numa relação de violência, sendo que não houve distinção de género quanto ao uso de violência, isto é, os resultados obtidos neste estudo em Portugal, revelaram que existe similaridade, em relação ao género, consoante diversos comportamentos de violência, tais como, puxar os cabelos, apertar o pescoço, atirar objetos, etc.

Outros dois estudos feitos em Portugal (Machado & Antunes, 2012; Barros, 2014) corroboram esta teoria de ambos os sexos serem perpetradores de violência, no entanto, o sexo masculino apresenta maior perpetração emocional e sexual comparativamente com o sexo feminino.

No que toca à prevalência dos tipos de violência no namoro, um estudo feito em Portugal (Paiva & Figueiredo, 2003), mostrou que a violência psicológica foi o tipo mais frequente (50.8% - 53.8%), seguindo-se a violência sexual (18.9%-24.6%) e por fim, o abuso físico, que pode ser dividido em violência física com sequelas (33.7%-38%) e em violência física sem sequelas (18.9%-25.6%). Duarte e Lima (2006) realizaram um estudo com 429 estudantes universitários e do ensino secundário, em que verificaram que 38.2% dos jovens referem ter estado envolvidas numa relação onde predominava a violência psicológica, e 10.7% relataram já ter estado envolvidos em situações de violência física.

Apesar de os números de prevalência deste tipo de violência serem elevados, nem sempre as vítimas se assumem como tal, isto é, a conceção de amor que é experienciada pela vítima é vista como algo superior à violência, o que permite o uso desta na relação. Esta conceção de amor advém das crenças transmitidas pela família (Cristóvão, 2012). Deste modo, a crença que o verdadeiro amor ultrapassa todos os obstáculos é recorrente nos jovens, e é frequente existir uma banalização da violência, caracterizando-a como um

gesto amoroso e/ou de ciúme (Caridade & Machado, 2012; Ventura et al., 2013; Araújo, 2013).

O ciúme é uma emoção básica desenvolvida pelo Homem, com o objetivo de dar resposta a uma situação de perigo numa relação valorizada (DeSteno, Bartlett & Braverman, 2002; Buss & Haselton, 2005; Buunk & Dijkstra, 2006). Este pode ser visto como uma construção social, isto é, a forma como acontece e a sua aceitação é resultado de crenças e expectativas sociais, nomeadamente em relação aos papéis de género (Buss, 2013). Buunk e Dijkstra (2006) referem dois tipos de ciúme: estado e disposicional. O primeiro apresenta-se como um conjunto de sentimentos despertados por um evento concreto, e o segundo refere-se à propensão do indivíduo para reagir de forma ciumenta, independentemente do evento.

O ciúme, numa relação de namoro, pode ser percebido como um dos fatores que legitima e justifica a agressão física, e valorizado como uma expressão de amor e cuidado (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016). As mulheres, principalmente, confundem amor com ciúme, considerando-a aceitável, enquanto os homens consideram o ciúme como algo justificável para a violência (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Nascimento e Cordeiro (2011) referem que os comportamentos de controlo e o cerceamento da liberdade são vistos como um compromisso com o parceiro, e é comum que as vítimas confundam os atos controladores com provas de amor e preocupação por parte do agressor (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016). A falta de experiência, associada à necessidade de independência dos jovens, não facilita o reconhecimento de uma condição de vitimização (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Quanto maior o espaço de tempo entre o início da relação e o primeiro episódio de violência, maior será a probabilidade de a vítima continuar na relação, devido à

vinculação com o agressor e à dificuldade de tomada de decisão de terminar a relação (Nascimento & Cordeiro, 2011). Por consequência, a violência tende a aumentar com a duração da relação (Mars & Valdez, 2007), sendo que a violência no namoro é um forte preditor da violência conjugal (Barreiros, 2009; Conerlius, Sullivan, Wyngarden, & Miliken, 2009).

A violência no namoro é um fenómeno multicausal e deste modo, possui diversos fatores associados, tais como o historial de agressão precoce, hábitos etnoicos, a exposição à violência intrafamiliar, como observação da violência conjugal dos pais ou por exposição à violência na infância (Martos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017). Assim, é importante compreender quais os fatores de risco adjacentes, destacando-se as normas socioculturais e as crenças sobre os papéis de género nas relações, que concedem aos homens o controle sobre o comportamento feminino, a aceitação de violência como forma de resolução de conflitos, o conceito de masculinidade ligado à dominação, honra ou agressão, e os papéis rígidos para ambos os sexos (Day et al., 2003; Offenhauer, 2011). O sexo masculino, em oposição, com o feminino, tende a crer que a violência poderá ser justificável tendo em conta o comportamento das mulheres, e que esta pode ser atribuída a causas externas e fora do controlo do agressor (Machado, Matos & Moreira, 2003; Choi, Weston & Temple, 2017). Para o sexo feminino, a violência é vista como forma de intimidação (Caridade & Machado, 2006).

Existem ainda outros fatores que podem conduzir à violência, como por exemplo, o funcionamento familiar, a observação de violência intrafamiliar e a ausência de práticas parentais educativas adequadas, isolamento social e a ausência de autorregulação emocional (Caridade & Machado, 2008; Cascardi, 2016; Heine, 2017; Izaguirre & Calvete, 2017). Vigano e Laffin (2019) afirma que um dos principais fatores de risco para

a violência nas relações é a aprendizagem e experiências negativas vivenciadas durante a infância, salientando-se aqui a importância dos estilos e práticas parentais. Deste modo, a qualidade da relação amorosa na adultez emergente parece estar relacionada com a configuração familiar dos jovens e da experiência adquirida na infância (Mota & Melo, 2013).

A família é o primeiro ambiente social onde um indivíduo está inserido, e deste modo, é um fator essencial para o desenvolvimento da identidade, da personalidade e da forma como este deve agir perante um ambiente social (Muñiz-Rivas, Vera & Povedano-Díaz, 2019). Deste modo, os pais podem induzir, através da modelagem ou do reforço, certos tipos de comportamento, tais como o tipo de comunicação utilizada, comportamentos violentos, reforços negativos associados à violência física ou psicológica, controlo, posse, entre outros (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004; Rankin, Degnan, Perez-Edgar, Henderson, Rubin, Pine, Steinberg, & Fox, 2009; Moreno-Ruiz, Martínez-Ferrer, & García-Bacete, 2019). Quando estes comportamentos e atitudes são observados pelos jovens, a tendência é que os reproduzam nas suas relações afetivas (Yedra, González, Oliva, Rivera, & Magaly, 2017). Deste modo, as práticas parentais são um aspeto fundamental para se compreender a existência de violência no namoro (Willems, Li, Hendriks, Bartels & Finkenauer, 2018).

Por contrapartida, comportamentos e atitudes que indicam um bom funcionamento familiar, tais como coesão, suporte e comunicação assertiva, estão relacionados com um bom desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo (Romero-Abrio, Musitu, Sánchez-Sosa, Villarreal-González, & Callejas, 2018).

Estilos e Práticas Parentais

A família cria os valores, crenças e atitudes dos seus integrantes, e sendo um grupo de carácter uno e insubstituível possui um papel fundamental na educação e socialização dos seus membros que irá ditar a forma como estes agem futuramente (Moura, 2012). Para que um adulto possua um desenvolvimento humano e uma saúde mental saudável, é importante que, enquanto criança, desenvolva a capacidade de estabelecer relações emocionais próximas, posto que, esta capacidade está associada ao modo como lida com o meio ambiente onde esteve inserida, tendo por bases fatores como a relação conjugal dos pais, a existência de irmãos, entre outros (Belsky, 1981; Verissimo & Salvaterra, 2006).

Os estilos parentais são um conjunto de atitudes e comportamentos expressos pelos progenitores, através dos quais estes desempenham as práticas parentais e podem ser divididos em três modelos: autoritário, permissivo e autoritativo (Baumrind, 1966; Steinberg & Darling, 1993; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbush 1994; Fuentes, García, Gracia & Alarcón, 2014).

O estilo parental autoritário é caracterizado pela modelação, pelo controlo e avaliação dos comportamentos dos filhos, consoante normas de conduta severas, inflexíveis e absolutas, supressão de conflitos, recusa em ajudar e monopolização do poder de decisão (Baumrind, 1966). Este estilo parental possui como objetivo a valorização da autoridade e da ordem, utilizando atitudes punitivos de forma a controlar as condutas dos filhos, a obter a sua obediência, assim como a delimitar a sua autonomia, de forma a implementar nos filhos a importância de seguirem os valores e padrões da família e a aceitar a opinião dos pais indubitavelmente. No que toca à comunicação, esta

é marcada pela rejeição e baixa responsividade, devido ao elevado grau de exigência e controlo parental (Baumrind, 1966).

O estilo parental autoritativo é caracterizado pelo estabelecimento de limites e regras de forma racional e orientada com o objetivo de seguir um padrão de funcionamento familiar saudável e equilibrado. Estes pais possuem características como maturidade e responsabilidade e agem, de forma a privilegiar a autonomia dos filhos e a encorajar a troca de ideias, assim como a corrigir as atitudes negativas e a valorizar as positivas (Baumrind, 1966). A comunicação intrafamiliar baseia-se no respeito mútuo e no encorajamento para a tomada de decisões, permitindo assim um ambiente familiar caloroso, estimulante, afetuoso e desafiador onde os progenitores são vistos como uma base de apoio segura (Baumrind, 1966). Jovens sob a influência deste estilo parental, parecem apresentar um desenvolvimento psicológico e comportamental positivo apresentando melhores níveis de ajustamento psicológico, de competência e responsabilidade social, assertividade, capacidade de adaptação, autoestima e níveis mais baixos de ansiedade, depressão e problemas de comportamento (Baumrind, 1966; Dornbush, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987).

O estilo parental permissivo é caracterizado por uma postura periférica e uma atitude não ativa de modelagem, onde os pais fazem poucas exigências, evitam exercer controlo e não encorajam a obediência face a padrões externos, assim como o aceite de todos os desejos e ações dos seus filhos e a ausência de normas e regras, a elevada tolerância e aceitação dos impulsos das crianças e a pouca estimulação, que parece levar os jovens a sentirem-se dependentes e desprotegidos (Baumrind, 1966).

Maccoby e Martin (1983) dividiram o estilo parental permissivo em dois tipos, o indulgente e o negligente. O primeiro refere-se a pais afetuosos e calorosos, mas que não

estabelecem regras ou limites e são excessivamente tolerantes; o segundo refere-se a pais que não possuem qualquer envolvimento no desempenho das tarefas parentais (Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997).

Os estilos parentais referidos anteriormente, possuem duas dimensões relativas ao comportamento parental: a dimensão de controlo e a dimensão de suporte, que inclui variáveis como o afeto e a aceitação (Barber, 2002; Pereira, 2007). A primeira irá influenciar a capacidade da criança de viver em grupo e em sociedade, nomeadamente na promoção da conformidade e aceitação de regras e normas, e deste modo pode agir como inibidor no controlo psicológico, visando o cumprimento das regras e supervisão, e como facilitador no controlo psicológico, visto que se trata de um controlo intrusivo que interfere no desenvolvimento psicológico da criança e na sua identidade, e poderá ter um efeito negativo na criança (Barber & Harmon, 2002; Steinberg, 2005). A segunda dimensão possui como característica principal a disponibilidade afetiva dos pais e o seu envolvimento positivo com a criança (Rohner, 2004).

Assim sendo, os estilos parentais são os comportamentos dos pais relativamente aos filhos, como a resposta às necessidades destes, manifestação de afetos, disponibilidade, entre outros e traduzem-se em atitudes que os pais têm para com as crianças, traduzindo-se num contexto de educação pai-filho, sendo que estas atitudes se irão traduzir em práticas parentais (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

As práticas parentais são comportamentos exercidos pelos pais em contextos específicos, como por exemplo, a disciplina, o apoio, a disponibilidade, a interação filho-pai e a repreensão. Darling e Steinberg (1993) desenvolveram um modelo integrativo, de forma a explicar melhor esta distinção, este modelo pressupõe que os objetivos de socialização dos pais (e.g. objetivos e valores) influenciam os estilos parentais e as

práticas parentais, e que estes influenciam o desenvolvimento da criança através de processos diferentes. As práticas parentais executam uma influência direta no desenvolvimento de comportamentos específicos (e.g. o desempenho académico) e nas características do jovem (e.g. valores, crenças), e por consequência podem ser mecanismos pelos quais os pais ajudam, diretamente, as crianças a obter os seus objetivos de socialização. Deste modo, os estilos parentais são vistos como uma variável moderadora da relação entre as práticas parentais e aspetos específicos do desenvolvimento, na medida em que transforma a natureza das interações intrafamiliares e influencia a personalidade da criança.

As práticas parentais vão influenciar os comportamentos da criança e assim, afetar o seu desenvolvimento social, cognitivo e emocional (Camacho & Matos, 2007) assim como são responsáveis pelo desenvolvimento de determinadas características infantis. Tyler, Brownridge e Melander (2011) realizaram um estudo que defende que os sujeitos que possuem níveis mais baixos de afeto parental são mais propensos a apresentar comportamentos antissociais, tais como o abuso de drogas e a delinquência, sendo que este último está positivamente correlacionado com o comportamento violento dos jovens nas relações de intimidade.

Estilos Parentais e Violência no Namoro

A família é a primeira fonte de socialização dos jovens, e é aqui que a criança apreende os papéis desempenhados pelas figuras modelo, assim como as crenças e valores que, mais tarde, se irão apresentar na sua personalidade (Oliveira, 2009). Se neste ambiente existirem episódios de violência, estes serão absorvidos pelos jovens recorrendo à modelagem dos comportamentos, visto que os comportamentos socialmente aprendidos no meio familiar são, frequentemente, reproduzidos pelos jovens no espaço extrafamiliar. Tendo em conta que as condutas são de violência e permissividade, os jovens poderão

recriar tais comportamentos nas suas relações de intimidade (Oliveira, 2009). A relação parental é, então, um fator de risco para a violência no namoro (Caridade & Machado, 2006), sendo que a família é entendida como uma entidade que viabiliza certas condutas agressivas, e que pode levar os seus membros a assimilar crenças que são promotoras de comportamentos violentos (Gelles, 1997; O’Keefe, 2005; Veniza & Hébert, 2007).

A exposição das crianças à violência pode afetar os comportamentos e crenças dos jovens, visto que os comportamentos aprendidos e observados em contexto familiares, podem levar a atitudes de permissividade, configurando-se em considerar tolerável o uso da violência nas relações de intimidade (Oliveira & Sani, 2009). A negligência familiar e o abuso físico estão relacionados com a violência no namoro, nomeadamente com as vítimas do sexo feminino (Renner & Whitney, 2012), assim como a exposição ao abuso sexual é preditor de perpetração por parte do sexo masculino (Fang & Corso, 2007).

Heine (2017) refere que jovens oriundos de famílias com um historial de violência intrafamiliar, como testemunhar a violência entre os pais ou ter sido vítima de violência na infância, possuem mais probabilidade de desenvolver modelos negativos de relações e formas menos eficazes de lidar com os conflitos e maior probabilidade de tolerar o comportamento abusivo de um parceiro, estando assim mais propensos a ser vítimas de violência no namoro. Cascardi (2016) e Izaguirre e Calvete (2017) reforçam esta ideia, sujeitos que tenham sido vítimas ou testemunhado comportamentos de violência na família de origem apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos no futuro, ou de serem vítimas de violência nas suas relações, visto que a violência pode ser aprendida através da modelagem do comportamento abusivo dos pais.

Uma das razões pelas quais a violência pode ocorrer nas relações íntimas, deriva da infância tanto da vítima como do agressor, isto é, existe uma procura pela similaridade

e complementaridade daquilo que é regular e que os indivíduos conhecem no que toca às relações, e se a violência é vista como forma de resolver os conflitos na família, os jovens podem seguir o padrão, tornando-se a violência parte da história da relação (Marasca, Razera, Pereira & Falcke, 2017). Por consequente, a perpetração da violência e a vitimização estão relacionadas e possuem fatores de risco semelhantes (Lage, 2019). As experiências adversas precoces, como abuso, maus tratos, negligência, violência doméstica, perda ou separação de figuras significativas e estar sob o cuidado de pessoas com um grau de psicopatologia considerável, podem estar associadas à perpetuação ou vitimização da violência nas relações íntimas (Vázquez, Torres, Oterro, Blanco & López, 2010; Barbosa, 2014).

No que toca aos estilos parentais, o estilo autoritário e consequentemente as práticas parentais autoritárias são congruentes com experiências de violência na infância e adolescência, e parecem estar associadas significativamente à aceitação da violência nas relações íntimas (Cuccí, O’Leary, Olivari, Bononomi & Confalonieri, 2018; Muñiz-Rivas, Vera & Povedano-Díaz, 2019; Pinheiro, 2019). Num estudo feito por Pinheiro (2019), com 311 estudantes universitários, verificaram que jovens que testemunharam violência intrafamiliar de forma direta ou indireta, caracterizaram as suas relações amorosas como ciumentas, possessivas e/ou conflituosas.

Moura (2012) refere que quanto mais autoritários e permissivos são as figuras parentais, mais elevados são os níveis de legitimação e tolerância em relação à violência no namoro, e que o estilo parental autoritativo está relacionado com a baixa aceitação e legitimação da violência. Muñiz-Rivas, Vera e Povedano-Díaz (2019), verificaram que pais com práticas parentais mais indulgentes, disponibilizam aos filhos, modelos de socialização apropriados para prevenir situações de violência no namoro. Estes autores referem ainda que, para prevenir este tipo de violência, é importante ter em conta o

contexto familiar do indivíduo e não apenas o jovem individualmente. Como fator protetor da vitimização da violência no namoro, podemos encontrar as habilidades sociais e o apoio seguro com os pais (Mass, Fleming, Herrenkohl & Catalano, 2010).

Objetivos

O objetivo geral é caracterizar as atitudes dos jovens frente à violência no namoro e identificar preditores dessas atitudes (estilos e práticas parentais e características sociodemográficas).

Objetivos específicos

Pretende-se ainda, como objetivos específicos: a) analisar a prevalência do namoro e qual o tipo de violência mais frequente; b) analisar as diferenças entre género em relação à violência no namoro; c) analisar as diferenças da violência no namoro em relação às variáveis sociodemográficas do estudo, como ser filho único, duração da relação, estar atualmente numa relação, estado civil dos pais, consumo de drogas e álcool, exposição a violência doméstica entre os pais (nomeadamente, empurrões, agressões físicas, insultos e ameaças); d) analisar as diferenças entre a tolerância da violência no namoro e o género; e) analisar diferenças entre a tolerância da violência no namoro e a exposição a comportamentos abusivos entre os pais na infância; f) analisar as diferenças entre a tolerância da violência no namoro e a vitimização na infância; g) compreender se a presença de violência familiar é preditor da tolerância da violência no namoro; h) averiguar se a vitimização na infância é preditor da tolerância da violência no namoro.

Método

Amostra

Neste estudo participaram 120 indivíduos – 22.3% do sexo masculino e 77.7% do sexo feminino –, com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos ($M= 22.79$; $DP= 5.86$). A escolha dos participantes ocorreu através de amostra não probabilística de conveniência. Como critérios de inclusão, foram admitidos jovens com mais de 18 anos, que estivessem no momento da recolha de dados a tirar uma licenciatura ou mestrado em Portugal, que se encontravam numa relação ou tenham estado numa relação por mais de três meses, e que aceitassem as condições do questionário utilizado. Como critérios de exclusão, estão os jovens menores de 18 anos, que não se encontrassem a frequentar uma universidade em Portugal, que nunca tivessem estado numa relação de namoro ou que não tenham namorado por mais de três meses.

Os participantes responderam de forma presencial (19.8%) ou online (80.2%) e 97.5% possuíam nacionalidade portuguesa. Quanto ao estado civil, verificou-se que 62.8% se encontravam numa relação, enquanto os restantes, 37.2%, não se encontram numa relação atualmente, mas todos referiram já ter permanecido numa relação por mais de três meses. Na tabela 1 encontram-se os dados sociodemográficos relativos à amostra.

Tabela 1. *Dados sociodemográficos dos participantes*

Variável			Amostra total	Amostra online	Amostra presencial
Local de residência	de	Lisboa e vale do tejo	85 (71.1%)	73 (75.5%)	13 (54.2%)
		Setúbal	21 (17.4%)	14 (14.3%)	7 (29.2%)
		Santarém	4 (3.3%)	3 (3.1%)	1 (4.2%)
		Porto	4 (3.3%)	4 (4.1%)	0 (0.0%)
		Alentejo	2 (1.7%)	2 (2.0%)	0 (0.0%)
		Coimbra	1 (0.8%)	0 (0.0%)	1 (4.2%)
		Algarve	3 (2.5%)	1 (1.0%)	2 (8.3%)
		Irmãos	de	Possui irmãos	87 (71.9%)
Não possui irmãos	34 (28.1%)			26 (26.5%)	8 (33.3%)
Número de irmãos	de	1	49 (40.5%)	38 (38.8%)	11 (45.8%)
		2	24 (19.8%)	21 (21.4%)	4 (16.7%)
		3	5 (4.1%)	4 (4.1%)	1 (4.2%)
		4	4 (3.3%)	4 (4.1%)	0 (0.0%)
		5	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
		6	2 (1.7%)	2 (2.0%)	0 (0.0%)

Relação entre estilos parentais e violência no namoro

Variável		Amostra total	Amostra online	Amostra presencial
Ano universitário	1º	55 (45.5%)	32 (32.7%)	24 (100%)
	2º	29 (24.0%)	29 (29.6%)	0 (0.0%)
	3º	12 (9.9%)	12 (12.2%)	0 (0.0%)
	4º	11 (9.1%)	11 (11.2%)	0 (0.0%)
	5º	14 (11.6%)	14 (14.3%)	0 (0.0%)
Área do curso	Saúde	86 (71.1%)	73 (74.5%)	13 (54.2%)
	Forense	17 (14%)	7 (7.1%)	11 (45.8%)
	Engenharia	3 (2.5%)	3 (3.1%)	0 (0.0%)
	Economia	3 (2.5%)	3 (3.1%)	0 (0.0%)
	Turismo	2 (1.7%)	2 (2.0%)	0 (0.0%)
	Direito	2 (1.7%)	2 (2.0%)	0 (0.0%)
	Ciências Sociais	2 (1.7%)	2 (2.0%)	0 (0.0%)
	Informática	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	Educação	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	Design	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	Arquitetura	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	Gestão	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	Solicitadoria	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
Estado civil dos pais	Casados	77 (63.7%)	61 (63.2%)	14 (58.3%)
	Divorciados	24 (19.8%)	20 (20.4%)	4 (16.7%)
	Separados	12 (9.9%)	8 (8.2%)	4 (16.7%)
	Viúvo/a	8 (6.6%)	6 (6.1%)	2 (8.3%)
Violência entre os pais	Assistiram a violência física entre os pais	15 (12.4%)	13 (13.3%)	2 (8.3%)
	Assistiram os pais a partir ou atirar objetos durante uma discussão	26 (21.5%)	24 (24.5%)	2 (8.3%)
	Assistiram a empurrões entre os pais	16 (13.2%)	14 (14.3%)	2 (8.3%)
	Assistiram a insultos entre os pais	69 (57.0%)	56 (57.1%)	13 (54.2%)
	Testemunharam ameaças entre os pais	22 (18.2%)	20 (20.4%)	2 (8.3%)
Vítimas de violência na infância por parte dos pais	Sim	13 (10.7%)	11 (11.2%)	2 (8.3%)
	Não	104 (86.0%)	84 (85.7%)	21 (87.5%)
	Não sei	4 (3.3%)	3 (3.1%)	1 (4.2%)
Hábitos etanoicos	Sim	73 (60.3%)	56 (57.1%)	17 (70.8%)
	Não	48 (39.7%)	42 (42.9%)	7 (29.2%)
Regularidade dos hábitos etanoicos	1x ou menos por semana	60 (49.6%)	45 (80.4%)	25 (62.5%)
	2x/3x semana	10 (8.3%)	10 (17.9%)	0 (0.0%)
	4x ou mais semana	1 (0.8%)	0 (0.0%)	1 (4.2%)
	1x dia	1 (0.8%)	0 (0.0%)	1 (4.2%)
	Mais que 1x dia	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
Consumo de drogas	Sim	8 (6.6%)	7 (7.1%)	1 (4.2%)
	Não	113 (93.4%)	91 (92.9%)	23 (95.8%)

Variável		Amostra total	Amostra online	Amostra presencial
Regularidade de consumo de drogas	1x ou menos por semana	5 (4.1%)	4 (57.1%)	1 (4.2%)
	2x/3x semana	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	4x ou mais semana	1 (0.8%)	1 (1.0%)	0 (0.0%)
	1x dia	1 (0.8%)	0 (0.0%)	0 (0.0%)
	Mais que 1x dia		1 (1.0%)	0 (0.0%)
Atualmente numa relação	Sim	76 (62.8%)	64 (65.3%)	13 (54.2%)
	Não	45 (37.2%)	34 (34.7%)	11 (45.8%)
Duração da relação	0-6 meses	7 (5.8%)	5 (5.1%)	3 (12.5%)
	6-9 meses	13 (10.7%)	13 (13.3%)	0 (0.0%)
	9-12 meses	4 (3.3%)	3 (3.1%)	1 (4.2%)
	1-3 anos	4 (17.4%)	15 (15.3%)	6 (25.0%)
	3-6 anos	21 (14%)	15 (15.3%)	2 (8.3%)
	6-9 anos	8 (6.6%)	8 (8.2%)	0 (0.0%)
>10 anos	5 (4.2%)	4 (4.0%)	1 (4.2%)	

Instrumentos

Questionário de Caracterização Sociodemográfica.

O questionário de caracterização sociodemográfica é constituído por 11 perguntas e encontra-se em anexo (Anexo B). As questões incluem características sociodemográficas – sexo, idade, nacionalidade, se possui irmãos e número de irmãos, local de residência, curso universitário que frequenta e ano, - e características pessoais – se atualmente se encontra numa relação e duração da mesma, se já se encontrou numa relação estável por mais de três meses, hábitos etanoicos e consumo de drogas, assim como a frequência destes, estado civil dos pais e se alguma vez assistiu a violência física ou verbal parental ou se foi vítima desta.

Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN).

A escala de atitudes acerca da violência no namoro é a adaptação portuguesa realizada por Saveedra, Machado e Martins (2008) do instrumento *Attitudes Toward Dating Violence Scale* desenvolvida por Price, Byers e *The Dating Violence Research Team* (1999) e encontra-se em anexo (Anexo C). Este instrumento é de autorrelato e é constituído por 76 itens que avaliam as atitudes dos participantes acerca da violência física, sexual e psicológica nas relações de namoro. Deste modo, a escala é dividida em

seis subescalas: violência física masculina, violência psicológica masculina, violência sexual masculina, violência física feminina, violência psicológica feminina, violência sexual feminina.

Os itens são cotados segundo uma escala de likert de cinco pontos que varia desde discordo totalmente (1) a concordo totalmente (5). Todavia, é importante salientar que o instrumento apresenta itens de cotação invertida, com o objetivo de controlar a forma negativa como as afirmações são dispostas aos participantes. Os itens de cotação invertida estão dispostos nas seguintes subescalas: violência psicológica masculina (1, 2, 5, 9, 10, 13), violência física masculina (1, 3, 5, 7), violência sexual masculina (2, 4, 5, 12), violência psicológica feminina (1, 2), violência física feminina (7, 8, 10, 12) e violência sexual feminina (1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10).

O valor de cada subescala é calculado pela soma dos seus itens e pontuações mais elevadas indicam uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nas relações íntimas. A versão adaptada revelou um alpha de Cronbach da escala total de 0.94. As três subescalas relativas ao sexo masculino (violência psicológica, violência física e violência sexual) apresentaram os seguintes alphas: 0.77, 0.81 e 0.80. Enquanto que as três subescalas relativas ao sexo feminino (violência psicológica, violência física e violência sexual) apresentaram 0.79, 0.84 e 0.83. No presente estudo, os alphas de cronbach encontrados para as três escalas relativas ao sexo masculino foram de 0.70, 0.75 e 0.80.

Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI).

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes é a adaptação portuguesa do instrumento *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* desenvolvido por Wolfe e Colaboradores (2001). A adaptação portuguesa foi

concebida por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2011) e encontra-se em anexo (Anexo D).

É um instrumento de autorrelato composto por 70 itens que permitem aferir acerca da prevalência das múltiplas formas de violência que ocorrem nas relações de namoro entre os adolescentes, assim como identificar a presença de comportamentos não violentos. Este instrumento pode ser aplicado a jovens com mais de 13 anos.

Este instrumento está dividido em duas escalas: a escala de estratégias abusivas de resolução de conflitos e a escala de estratégias não abusivas de resolução de conflitos. A primeira avalia comportamentos, que se dividem por cinco subescalas, que podem ocorrer através da perpetração e/ou da vitimização: o comportamento ameaçador, composto por quatro itens (e.g. eu ameacei magoá-lo/a); a violência relacional, composto por três itens (e.g. espalhei boatos contra ele/a); o comportamento físico, composto por quatro itens (e.g. eu atirei-lhe alguma coisa); o comportamento sexual, composto por quatro itens (e.g. eu beijei-o/a quando ele/a não queria); o comportamento emocional ou verbal, composto por dez itens (e.g. eu falei com ele/a num tom de voz agressivo e mau). A escala de estratégias não abusivas de resolução de conflitos é composta por 10 itens que identificam o uso de estratégias positivas de resolução de conflitos durante um relacionamento.

Estas duas escalas dividem-se ainda em duas grandes dimensões, cada uma composta por 35 itens: as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelo próprio (perpetração) e as estratégias a que o sujeito relata ser alvo por parte do parceiro (vitimização).

É utilizada uma escala de likert que varia entre 0 (nunca; nunca aconteceu no teu relacionamento), 1 (raramente; aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento), 2 (às vezes, aconteceu cerca de 3-5 vezes no seu relacionamento), e 3 (frequentemente,

aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento). As subescalas são obtidas através da média das respostas dos participantes a cada item. Este instrumento apresenta um alfa de *Cronbach* de 0.81. No presente estudo apresenta um alfa de 0.91.

EMBU – Memórias de Infância.

O instrumento EMBU – Memórias de infância é uma adaptação para a população portuguesa realizada por Canavarro (1996) e a versão original foi desenvolvido em 1980, na Suécia por Perris, Jacobson e Lindström e encontra-se em anexo (Anexo E).

Este instrumento avalia as memórias das práticas educativas na infância e adolescência, diferenciando entre o pai e a mãe. A escala é composta por 46 itens, sendo que 23 são relativamente ao pai e 23 à mãe e é de salientar que os itens são iguais.

O instrumento é dividido em três fatores: suporte emocional, constituído por sete itens (14, 23, 2, 6, 19, 9) e é caracterizado pelas práticas parentais que geram uma sensação de conforto e suporte nos filhos; a rejeição, constituído por oito itens (7, 13, 1, 16, 15, 4, 10, 22) e caracterizada por comportamentos parentais com o objetivo de alterar o desejo inicial da criança; e a superproteção, constituída por oito itens (8, 11, 18, 17, 20, 3, 5) e caracterizada pela excessiva preocupação por parte dos pais, pelos altos níveis de padrão de realização e pela imposição de regras rígidas.

É utilizada uma escala de likert de 4 pontos que varia entre não, nunca (1) e sim, a maior parte do tempo (4). No que toca ao alfa de cronbach, a escala total do pai apresentou um alfa de 0,54 e a escala total da mãe apresentou um alfa de 0,66.

Procedimento

O presente estudo tem desenho correlacional e transversal (Breakwell, Fife-Schaw, Hammond, & Smith, 2006), e o procedimento apresentou duas fases. Inicialmente, fez-se o pedido de autorização para aplicação de questionários aos discentes de quatro turmas de uma universidade privada da região de Lisboa e Vale do Tejo. Após o consentimento

informado, assinado por todos os presentes e que colaboraram no estudo, passou-se durante a aula à fase de aplicação de questionários, para preenchimento em papel, com uma fase de explicação do estudo e do seu objetivo, apelando à colaboração voluntária e livre, assim como à sua sinceridade e espontaneidade nas respostas reiterando a confidencialidade e o anonimato das respostas. Esta fase teve a duração de quatro encontros com a duração, de aproximadamente, 2 horas cada um. A segunda fase foi através do preenchimento do questionário de forma online através do Google Forms e foi divulgado através do método de *SnowBall*, isto é, foi colocado em redes sociais (Facebook, Instagram, etc.) e partilhado por outras pessoas. Foi também divulgado através de mensagens de *Whatsapp* e pedido a todos os que colaboraram para passarem o questionário a conhecidos, de forma a aumentar a amostra. Para responder a este questionário, os participantes teriam que ter mais de 18 anos e frequentar um curso universitário. Todos os estudantes participantes deram o seu consentimento, os contatos presenciais através de assinatura de um consentimento informado, e os contatos online através de clicar em aceitar participar no estudo.

Análise de dados

A análise de dados foi realizada através do programa IBM SPSS versão 25.

A primeira parte da análise de dados incluiu uma análise exploratória de dados, de forma a averiguar a normalidade das variáveis. Para realizar esta análise foram tidos em conta os valores dos resultados do teste de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Verificou-se que as variáveis não apresentavam distribuição normal, pelo que foi necessário a utilização de estatística não paramétrica. Foi aplicado estatística descritiva, verificando as frequências absolutas e relativas para as variáveis qualitativas e a média e desvio padrão para as variáveis quantitativas. Foram utilizadas ainda regressões lineares utilizando a variável tolerância à violência (a nível sexual, físico e psicológico) como

variável dependente, e as variáveis relacionadas à existência violência parental como independente, posteriormente foi feita uma regressão linear utilizando a variável de prevalência da violência no namoro como dependente, e a tolerância à violência no namoro como independente. Foram também realizadas correlações de Pearson correlacionando as variáveis sociodemográficas com a tolerância à violência no namoro e com a prevalência da violência.

Resultados

Inicialmente foram analisados os resultados das análises da prevalência da violência no namoro, através de tabelas de frequência. É possível observar através da tabela 2 que dos 120 participantes na amostra, apenas 17 sujeitos (14%) não relataram comportamentos abusivos nas relações de namoro, o que indica que 104 (86%) participantes referem pelo menos algum comportamento abusivo na relação. Em relação ao tipo de violência mais comum, destaca-se a violência emocional, sendo que apenas 24 (19.8%) referem não possuir este tipo de violência na relação. A violência física é o menos comum nas relações íntimas (83.5%), seguida da violência relacional (72.7%), e da violência sexual (71.9%), como podemos observar na tabela 2.

Tabela 2 - Prevalência da violência no namoro no total e nas diferentes formas.

Violência	Comportamentos abusivos (pontuação)	Frequência (N=121)	%
Violência total	0	17	14%
Violência emocional	0	24	19.8%
Violência relacional	0	88	72.7%
Violência sexual	0	87	71.9%
Violência física	0	101	83.5%

A seguir, os indicadores de violência no namoro foram comparados em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, género, filho único ou não, estar

atualmente numa relação, duração da relação, hábitos etanoicos, consumo de drogas, violência intrafamiliar e violência na infância.

Conforme pode ser observado na tabela 3, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão abuso relacional perpetrado pelo parceiro em função do género, ($U=1017.00$, $p<0.05$). Os dados revelaram que participantes do sexo masculino reportaram serem vítimas de mais violência relacional do que participantes do sexo feminino (tabela 3).

Tabela 3 - *Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função do género.*

	Masculino (n=27) Ordem média	Feminino (n=94) Ordem média	U	p
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	63.41	60.31	1204.00	0.68
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	62.22	60.65	1236.00	0.83
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	69.30	58.62	1045.00	0.16
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	61.11	60.97	1266.00	0.98
Violência física perpetrada pelo próprio	61.44	60.87	1257.00	0.89
Violência física perpetrada pelo parceiro	59.67	61.38	1233.00	0.70
Violência severa perpetrada pelo próprio	65.11	59.82	1158.00	0.38
Violência severa perpetrada pelo parceiro	59.13	61.54	1218.50	0.68
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	58.72	61.65	1207.50	0.191
Violência sexual perpetrada pelo próprio	66.41	59.45	1123.00	0.56
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	64.91	59.88	1163.50	0.45
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	66.07	59.54	1132.00	0.31
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	63.72	60.22	1195.00	0.54
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	59.94	61.30	1240.00	0.85
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	70.33	58.32	1017.00	0.02
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	63.72	60.22	1195.00	0.54

A seguir, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão violência sexual perpetrada pelo próprio ($U=1214.00$, $p<0.05$). Os participantes que não possuem irmãos perpetram mais violência sexual do que participantes com irmãos (tabela 4).

Tabela 4 - *Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função de ser filho único ou não.*

	Possui irmãos (n=87) Ordem média	Não possui irmãos (n=34) Ordem média	U	p
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	58.54	67.29	1265,000	0.215
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	61.57	59.54	1429,500	0.775
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	58.97	66.21	1302,000	0.305
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	57.88	68.99	1207,500	0.117
Violência sexual perpetrada pelo próprio	57.95	68.79	1214,000	0.028
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	62.34	57.56	1362,000	0.306
Violência física perpetrada pelo próprio	62.10	58.19	1383,500	0.349
Violência física perpetrada pelo parceiro	60.06	63.41	1397,000	0.422
Violência severa perpetrada pelo próprio	59.23	65.53	1325,000	0.262
Violência severa perpetrada pelo parceiro	61.30	60.24	1453,000	0.848
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	58.32	67.87	1245,500	0.122
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	57.86	69.04	1205.500	0.065
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	57.44	70.10	1169.500	0.072
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	60.61	61.99	1445.500	0.796
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	59.69	64.35	1365.000	0.337
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	60.61	61.99	1445.500	0.796

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão comportamento abusivo perpetrado pelo próprio, (U=1230.50, $p<0.01$), comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro, (U=1084.00, $p<0.01$), e comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio, (U=1208.00, $p<0.01$), comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro, (U=1376.50, $p<0.05$), abuso emocional perpetrado pelo próprio, U=1230.00, $p=0.00$, abuso emocional perpetrado pelo parceiro, (U=1313.50, $p<0.01$), abuso relacional perpetrado pelo próprio, (U=1413.00, $p<0.05$), abuso

relacional perpetrado pelo parceiro, ($U=1313.50$, $p<0.01$) em função de estarem ou não numa relação no momento da recolha de dados. Os participantes que não estão atualmente numa relação (mas estiveram há menos de um ano e essa relação durou mais de três meses) perpetram e são mais vítimas de comportamentos abusivos, ameaçadores, violência emocional, abuso relacional do que participantes que se encontram atualmente numa relação (tabela 5).

Tabela 5 - *Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função de estar ou não numa relação.*

	Atualmente numa relação (n=76) Ordem média	Não se encontra numa relação (n=45) Ordem média	U	p
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	54.69	71.66	1230.50	0.01
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	64.06	55.83	1477.50	0.21
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	52.76	74.91	1084.00	0.00
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	64.47	55.13	1446.00	0.15
Violência sexual perpetrada pelo próprio	60.88	61.20	1701.00	0.945
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	60.82	61.31	1696.00	0.90
Violência física perpetrada pelo próprio	59.45	63.62	1592.00	0.28
Violência física perpetrada pelo parceiro	59.40	63.70	1588.50	0.26
Violência severa perpetrada pelo próprio	59.80	63.02	1619.00	0.53
Violência severa perpetrada pelo parceiro	59.62	63.33	1605.00	0.47
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	54.39	72.16	1208.00	0.00
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	56.61	68.41	1376.50	0.03
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	54.68	71.67	1230.00	0.00
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	55.78	69.81	1313.50	0.00
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	57.09	67.60	1413.00	0.02
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	55.78	69.81	1313.50	0.00

No que toca ao consumo de drogas, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão abuso relacional perpetrado pelo próprio ($U=308.00$; $p<0.05$)

em relação ao consumo de drogas como podemos observar na tabela 6. Os indivíduos que consomem drogas praticam mais abuso relacional com o parceiro.

Tabela 6 - *Diferenças na legitimação da violência no namoro e da prevalência das diferentes formas de violência em função do consumo de drogas.*

	Consome drogas (n=8) Ordem média	Não consome (n=113) Ordem média	U	p
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	79.81	59.67	301.50	0.11
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	79.50	59.97	336.00	0.22
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	69.50	60.40	384.00	0.47
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	64.81	60.73	421.50	0.75
Violência sexual perpetrada pelo próprio	72.50	60.19	360.00	0.16
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	73.75	60.10	350.00	0.10
Violência física perpetrada pelo próprio	53.00	61.57	388.00	0.25
Violência física perpetrada pelo parceiro	60.00	61.00	444.00	0.88
Violência severa perpetrada pelo próprio	66.88	60.58	405.00	0.53
Violência severa perpetrada pelo parceiro	74.75	60.03	342.00	0.14
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	71.25	60.27	370.00	0.32
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	59.19	61.13	437.50	0.85
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	79.75	59.67	302.00	0.11
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	77.81	59.81	317.50	0.06
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	79.00	59.73	308.00	0.02
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	77.81	59.81	317.50	0.06

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão violência sexual perpetrada pelo próprio ($U=861.50$; $p<0.05$), violência física perpetrada pelo próprio ($U=895.00$; $p<0.05$) em relação a quem foi exposto ou não à violência intrafamiliar, como podemos observar na tabela 7. Os indivíduos com exposição à violência ($M=62.10$), perpetram mais violência sexual e física do que jovens que não estiveram expostos a violência.

Tabela 7 - *Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função da exposição a violência intrafamiliar (partir objetos).*

	Exposição a violência intrafamiliar (partir objetos) (n=26) Ordem média	Sem exposição (n=82) Ordem média	U	P
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	62.10	52.09	868.500	0.15
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	54.52	54.49	1065.50	0.99
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	60.98	52.45	897.50	0.22
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	50.67	55.71	966.50	0.47
Violência sexual perpetrada pelo próprio	62.37	52.01	861.50	0.03
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	59.27	52.99	924.00	0.17
Violência física perpetrada pelo próprio	61.06	52.42	895.00	0.04
Violência física perpetrada pelo parceiro	59.67	52.86	931.55	0.10
Violência severa perpetrada pelo próprio	64.69	51.27	801.00	0.17
Violência severa perpetrada pelo parceiro	62.00	52.12	871.00	0.07
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	63.04	51.79	844.00	0.06
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	54.19	54.60	105.00	0.94
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	61.73	52.21	878.00	0.17
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	60.94	52.446	898.00	0.12
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	60.73	52.45	904.00	0.09
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	60.73	52.52	898.50	0.12

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, como podemos observar na tabela 8, na dimensão comportamento abusivo perpetrado pelo próprio (U=1203.50; $p<0.05$), comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio (U=1188.50; $p<0.01$) e abuso relacional perpetrado pelo próprio (U=1298.00; $p<0.05$). Sendo que indivíduos que estiveram expostos a violência intrafamiliar, como insultos, perpetram mais comportamentos abusivos, ameaçadores e abuso relacional do que indivíduos que não possuíram esse tipo de violência na infância.

Tabela 8 - *Diferenças na legitimação da violência no namoro e da prevalência das diferentes formas de violência em função da exposição a violência intrafamiliar (insultos).*

	Exposição a violência intrafamiliar (insultos) (n=69) Ordem média	Sem exposição (n=45) Ordem média	U	p
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	61.96	50.66	1244.50	0.07
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	61.23	51.78	1295.00	0.13
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	62.56	49.74	1203.50	0.04
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	56.65	58.89	1494.00	0.73
Violência sexual perpetrada pelo próprio	59.88	53.86	1388.55	0.16
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	59.30	54.74	1428.50	0.27
Violência física perpetrada pelo próprio	69.33	64.69	1426.00	0.22
Violência física perpetrada pelo parceiro	59.56	54.30	1408.50	0.16
Violência severa perpetrada pelo próprio	60.04	53.61	1377.50	0.20
Violência severa perpetrada pelo parceiro	61.06	52.04	1307.00	0.07
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	62.78	49.41	1188.50	0.01
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	61.30	51.68	1290.50	0.07
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	61.14	51.92	1301.50	0.14
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	60.70	52.59	1331.50	0.08
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	61.19	51.85	1298.00	0.02
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	60.70	52.59	1331.50	0.08

Como podemos observar na tabela 9, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio (U=598.00; $p<0.05$) em relação a prevalência da violência no namoro. Sendo que indivíduos que foram expostos a violência intrafamiliar, como empurrões, perpetram mais comportamentos ameaçadores do que indivíduos que não foram expostos a essa violência.

Tabela 9 - *Diferenças na prevalência das diferentes formas de violência em função da exposição a violência intrafamiliar (empurrões).*

	Exposição a violência intrafamiliar (empurrões) (n=16) Ordem média	Sem exposição (n=98) Ordem média	U	p
Comportamento abusivo perpetrado pelo próprio	70.47	55.38	576.50	0.08
Comportamento não abusivo perpetrado pelo próprio	64.16	56.41	677.50	0.38
Comportamento abusivo perpetrado pelo parceiro	69.97	55.46	584.50	0.10
Comportamento não abusivo perpetrado pelo parceiro	60.16	57.07	741.50	0.72
Violência sexual perpetrada pelo próprio	60.84	56.95	730.50	0.52
Violência sexual perpetrada pelo parceiro	58.04	57.41	775.50	0.19
Violência física perpetrada pelo próprio	57.25	57.54	708.00	0.91
Violência física perpetrada pelo parceiro	57.19	57.55	780.00	0.95
Violência severa perpetrada pelo próprio	57.00	57.58	779.00	0.94
Violência severa perpetrada pelo parceiro	58.84	67.28	776.00	0.93
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo próprio	70.25	55.42	762.500	0.82
Comportamentos ameaçadores perpetrados pelo parceiro	68.13	55.77	580.00	0.05
Abuso emocional perpetrado pelo próprio	70.69	55.35	614.00	0.10
Abuso emocional perpetrado pelo parceiro	58.16	57.39	573.00	0.08
Abuso relacional perpetrado pelo próprio	54.53	57.98	773.50	0.90
Abuso relacional perpetrado pelo parceiro	58.16	57.39	736.500	0.56

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na tolerância à violência psicológica masculina ($U=941.5$; $p<0.05$) em relação género, como se pode observar na tabela 10. Isto é, indivíduos do sexo masculino toleram mais violência psicológica masculina do que indivíduos do sexo oposto ($M=73.13$).

Tabela 10 - *Diferenças na tolerância da violência psicológica masculina em relação ao género.*

	Masculino (n=27) Ordem média	Feminino (n=94) Ordem média	U	p
Tolerância da violência psicológica masculina	73.13	57.52	941.50	0.04

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no que toca ao estado civil dos pais, frequência de consumo de drogas, consumo de bebidas alcoólicas, duração da relação de namoro e exposição a violência física entre os pais com a prevalência da violência no namoro. É de salientar, por fim, que não foram encontradas diferenças significativas na tolerância da violência no namoro em relação à duração da relação, da situação civil dos pais e da existência de violência na infância.

De seguida, foram realizadas análises de correlações de *Spearman* para examinar as correlações entre as variáveis de tolerância à violência no namoro e os estilos parentais.

Na tabela 11, procurou-se examinar possíveis correlações entre a variável tolerância da violência no namoro (física, sexual e psicológica) e a rejeição por parte dos pais. Verificou-se uma correlação positiva entre as atitudes acerca da violência psicológica masculina e a rejeição por parte do pai ($r=0.20$; $p<0.05$). Sendo assim, quanto maior legitimação da violência psicológica masculina, maior rejeição existiu por parte do pai. Verificou-se uma correlação negativa entre as atitudes acerca da violência física masculina e a rejeição por parte do pai ($r=-0.18$; $p<0.05$), o que indica que quanto maior legitimação deste tipo de violência, menor rejeição existiu por parte do pai.

Tabela 11 - *Correlação entre a legitimação da violência no namoro e da rejeição por parte dos pais (individualmente).*

	Rejeição por parte da mãe	Rejeição por parte do pai
	r_o	r_o
Atitudes acerca da violência psicológica masculina	0.16	0.20*
Atitudes acerca da violência psicológica feminina	0.01	0.66
Atitudes acerca da violência física masculina	-0.12	-0.18*
Atitudes acerca da violência física feminina	0.12	0.16
Atitudes acerca da violência sexual masculina	0.09	0.14
Atitudes acerca da violência sexual feminina	0.03	0.14

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Na tabela 12, procurou-se examinar possíveis correlações entre variável tolerância da violência no namoro (física, sexual e psicológica) e a variável suporte emocional por parte dos pais (comportamentos adotados pelos pais, individualmente, que transmitem segurança e aceitação por si próprios, isto é, utilização um estilo parental autoritativo). Verificou-se uma correlação negativa entre as atitudes acerca da violência física feminina e o suporte emocional por parte da mãe ($r_o=-0.19$; $p<0.05$). Sendo assim, quanto maior legitimação da violência física feminina, menor suporte emocional houve por parte da mãe. Verificou-se uma correlação negativa entre as atitudes acerca da violência sexual masculina e o suporte emocional do pai ($r_o=-0.30$; $p<0.01$) e o suporte emocional da mãe ($r_o=-0.27$; $p<0.01$), o que indica que quanto maior legitimação deste tipo de violência independente do género, menor suporte emocional existiu por parte dos progenitores. Verificou-se uma correlação negativa entre as atitudes acerca da violência psicológica masculina e o suporte emocional da mãe ($r_o=-0.24$; $p<0.01$), o que indica que quanto maior legitimação da violência psicológica masculina, menor suporte emocional existiu por parte da mãe.

Tabela 12 - *Correlação entre a legitimação da violência no namoro e do suporte emocional por parte dos pais (individualmente).*

	Suporte emocional por parte da mãe	Suporte emocional por parte do pai
	r_o	r_o
Atitudes acerca da violência psicológica masculina	-0.24**	-0.13
Atitudes acerca da violência psicológica feminina	-0.08	-0.02
Atitudes acerca da violência física masculina	-0.13	-0.33
Atitudes acerca da violência física feminina	-0.19*	-0.16
Atitudes acerca da violência sexual masculina	-0.27**	-0.24**
Atitudes acerca da violência sexual feminina	-0.16	-0.16

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Na tabela 13, pretendeu-se avaliar possíveis correlações entre a variável tolerância da violência no namoro (física, sexual e psicológica) e a variável sobreproteção por parte dos pais (comportamentos adotados pelos pais, individualmente, que transmitem segurança e aceitação por si próprios, isto é, utilização um estilo parental autoritativo). Apenas se verificou uma correlação negativa entre as atitudes acerca da violência física masculina e a sobre proteção por parte do pai ($r_o = -0.20$; $p < 0.05$). Assim, quanto maior legitimação da violência física masculina, menor sobre proteção por parte do pai.

Tabela 13 - *Correlação entre a legitimação da violência física masculina e a sobre proteção dos pais.*

	Sobre proteção por parte da mãe	Sobre proteção por parte do pai
	R_o	r_o
Atitudes acerca da violência psicológica masculina	0.03	0.11
Atitudes acerca da violência psicológica feminina	-0.02	-0.04
Atitudes acerca da violência física masculina	-0.06	-0.20*
Atitudes acerca da violência física feminina	0.01	-0.01

Relação entre estilos parentais e violência no namoro

	Sobre proteção por parte da mãe	Sobre proteção por parte do pai
Atitudes acerca da violência sexual masculina	-0.07	-0.04
Atitudes acerca da violência sexual feminina	-0.02	-0.01

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Na tabela 14, pretendeu-se estimar possíveis correlações entre a variável tolerância da violência no namoro e a variável existência de violência intrafamiliar por parte dos pais. Como se pode observar na tabela, apenas se verificou correlação entre a variável tolerância à violência sexual feminina com a variável já ter experienciado insultos entre os pais. Esta correlação foi negativa, o que indica que quanto maior exposição a violência doméstica, menor tolerância o sujeito terá frente a este tipo de violência ($r_o = -0.02$; $p < 0.05$).

Tabela 14 - *Correlações entre a variável tolerância da violência e a variável existência de violência doméstica.*

	Partir ou atirar objetos	Insultos	Agressões físicas	Empurrões	Ameaças
	r_o	r_o	r_o	r_o	r_o
Atitudes acerca da violência psicológica masculina	0.09	0.03	-0.14	-0.07	0.00
Atitudes acerca da violência psicológica feminina	0.03	-0.04	-0.10	0.04	0.04
Atitudes acerca da violência física masculina	-0.06	0.02	-0.17	-0.02	-0.02
Atitudes acerca da violência física feminina	0.01	-0.61	-0.04	-0.01	0.04
Atitudes acerca da violência sexual masculina	0.06	-0.03	-0.05	-0.01	0.02
Atitudes acerca da violência sexual feminina	-0.04	-0.20*	-0.12	-0.01	0.03

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Foi ainda realizada uma correlação de spearman para avaliar possíveis correlações entre a variável tolerância à violência no namoro e a variável vítima de violência na infância, no entanto, não foram encontradas correlações significativas.

De modo a avaliar possíveis preditores da violência no namoro, foram realizadas análises de regressão linear. Inicialmente, foi realizada uma regressão linear utilizando o método *stepwise*, colocando a variável tolerância à violência psicológica masculina como dependente, e a variável suporte emocional por parte da mãe. Nesta regressão, verificou-se que a variável suporte emocional por parte da mãe é preditor da tolerância à violência psicológica masculina ($\beta=-0.23$; $p<0.01$) e explicou 5% da variância da variável dependente, conforme mostra tabela 15.

De seguida, foi introduzida como variável dependente a tolerância à violência física feminina e a variável suporte emocional por parte da mãe, e suporte emocional por parte do pai, como independentes. Na tabela 15, podemos observar que a variável suporte emocional por parte da mãe é preditor da tolerância à violência física feminina ($\beta=-0.27$; $p<0.01$) e explicou 7% da variância da variável dependente.

Tabela 15 - Regressão linear entre as variáveis da escala EAVN e as variáveis da escala

Variáveis	Tolerância à violência física feminina, β	Tolerância à violência sexual masculina, β	Tolerância à violência sexual feminina, β	Tolerância à violência sexual masculina, β	Tolerância à violência psicológica masculina, β
Suporte emocional mãe	-0.27**	-0.30**			-0.23**
Suporte emocional pai				-0.30**	
R ²	0.27	0.30	0.22	0.30	0.23
ΔR^2	0.07**	0.09**	0.05**	0.09**	0.05**

EMBU.

** $p < 0.01$ * $p < 0.05$

Foi introduzida no modelo de equação, a variável tolerância à violência física masculina como variável dependente e a variável sobre proteção por parte do pai, como independente. Na tabela 16, verificou-se que esta variável é uma variável independente significativa ($\beta=-0.24$; $p<0.01$) e explicou 5% da variância da variável dependente.

Tabela 16 - *Regressão linear entre as variáveis da escala EAVN e as variáveis da escala EMBU.*

Tolerância à violência física masculina, β

Variáveis	
Sobreproteção por parte do pai	-0.24**
R ²	0.05
ΔR^2	0.24**

**p < 0.01 *p<0.05

Discussão

O objetivo geral deste estudo passava por caracterizar as atitudes dos jovens frente à violência no namoro e identificar preditores dessas atitudes (estilos e práticas parentais e características sociodemográficas). Relativamente a este objetivo, verificou-se que jovens que percecionam os pais como autoritários e permissivos, possuem maior tolerância e concordância com diversos tipos de violência no namoro. Assim, jovens que parecem legitimar a violência psicológica, possuíram na infância e adolescência práticas parentais provenientes de um estilo parental autoritário (principalmente da parte do pai). Os resultados do presente estudo vão de acordo com a literatura (Tyler, Brownridge & Melander, 2011; Moura, 2012) e incutem que quanto mais autoritários e permissivos os pais são, maior nível de validação da violência no namoro, o que indica que a atitude dos jovens frente à violência no namoro poderia estar influenciada pelo estilo parental presente na família. Baumerind (1991) salienta que estilos parentais autoritários e permissivos estão relacionados com o aparecimento de comportamentos de risco nos jovens, assim como estilos parentais mais autoritativos, em que imperam fortes vínculos afetivos, supervisão e disciplina, estão relacionados com comportamentos menos violentos. Estes resultados vão de acordo com Moura (2012), que refere que estilos parentais autoritários e permissivos estão relacionados com tolerância a práticas abusivas nas relações amorosas.

Relativamente ao primeiro objetivo específico, que passava por analisar a prevalência do namoro e qual o tipo de violência mais frequente, os resultados indicaram que 86% da amostra total de jovens já experienciou violência no namoro, sendo a violência psicológica (80.2%) a mais frequente. De acordo com a literatura, em Portugal, a prevalência de violência no namoro em jovens é alta (Cristóvão, 2012; Matos, 2006) e um estudo feito por Machado, Matos e Moreira (2003) verificou que, no

total, 37.2% dos jovens universitários portugueses referiram existir comportamentos abusivos na relação íntima, sendo que 15.5% foram vítimas e 21.7% já perpetraram pelo menos um tipo de violência na relação. Ao encontro deste resultado, vai também o estudo de Cristóvão (2012) com 629 jovens portugueses do ensino secundário, em que foi verificado que 95.8% dos jovens possuem comportamentos abusivos nas suas relações.

No que toca à prevalência dos tipos de violência no namoro, a literatura (Sousa, Correia, Ramos, Fragata & Barros, 2010; Cristóvão, 2012; Veloso, 2013) vai de acordo aos resultados apresentados, que indicam que 80.2% dos jovens universitários presentes no estudo já experienciaram violência psicológica na relação. Num estudo feito em Portugal (Paiva & Figueiredo, 2003), mostrou que a violência psicológica foi o tipo mais frequente (50.8% - 53.8%), corroborando estes resultados, encontram-se Duarte e Lima (2006) que realizaram um estudo com 429 estudantes universitários e do ensino secundário, e verificou-se que 38.2% dos jovens referem ter estado envolvidas numa relação onde predominava a violência psicológica. No relatório anual de segurança interna de 2017, atestou-se que a violência psicológica (82%) é a forma de violência mais reportada em Portugal. Segundo Caridade e Machado (2006), estes dados são preocupantes, tendo em conta que a violência psicológica é vista como um comportamento menos importante do que a violência física. É de salientar que a violência psicológica tende a agravar e a ser preditora da violência física (White, Merrill & Kross, 2001), assim como a violência no namoro é um forte preditor da violência conjugal (Barreiros, 2009; Conerlius, Sullivan, Wyngarden, & Miliken, 2009).

Em relação às diferenças de género em relação à violência no namoro, verificou-se que o sexo masculino reportou ser mais vítima de violência relacional, o que vai de acordo com a literatura (Coker, 2002; Hines, 2007; Hines & Douglas, 2011). Num

estudo feito por Hines (2007) com 246 indivíduos do sexo masculino, foi possível verificar que os homens relatam comportamentos abusivos por parte das companheiras, nomeadamente, comportamentos de perseguição, controlo, isolamento social, ameaças, culpa e intimidação. Assim sendo, é possível verificar nos dois estudos, que o homem enquanto vítima é mais propenso a sofrer violência relacional (como controlar o que o parceiro faz, proibir certos comportamentos, isolar o outro), do que as mulheres. No entanto, é de salientar que a violência no sexo masculino não é vista como tão grave quanto a feminina, assim como a violência continua a ser mais legitimada se o agressor for um indivíduo do sexo masculino (Shuler & Chiong, 2010; Machado & Matos, 2012).

Em Portugal, o homem apesar de possuir o estatuto de vítima ainda não é visto na sociedade como tal, o que parece estar relacionado com as crenças conservadoras que os jovens possuem. Num estudo feito pela Associação Plano i (2017) verificou-se que os homens apresentam crenças mais conservadoras do que as mulheres, por exemplo, 27.4% dos homens concordam que algumas situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres assim como 3.1% dos homens concordam que homens e mulheres devem ter direitos e deveres diferentes. Neste estudo de 2017, verificou-se ainda que 55.2% dos jovens que já sofreram violência no namoro, 55.2% foi do género masculino, enquanto que em 35% dos jovens que já praticaram violência nas relações íntimas, 33.4% foi do género feminino e 40.7% do género masculino. Estes resultados indicam que em Portugal a violência no namoro é sofrida e praticada por ambos os sexos (Velo, 2013; Caridade e Machado, 2006; Nascimento 2009), sendo que o tipo de violência exercida está dependente do género.

Como objetivo específico verificou-se no presente estudo que participantes que não possuem irmãos perpetram mais violência sexual do que participantes com irmãos.

A literatura não é clara neste aspeto, visto não existirem estudos que mencionem resultados semelhantes. Para compreender este resultado, é importante analisar a relação entre fratria, esta relação é vista como um componente fundamental do sistema familiar e como uma relação emocionalmente forte, tanto por emoções positivas como negativas, onde existe a criação de relações de intimidade e de conhecimento do outro. Assim, ter um irmão e não ser filho único, vai alterar a perspetiva do indivíduo sobre o mundo social, emocional, cognitivo e moral devido ao papel que o irmão tem no desenvolvimento da compreensão da criança sobre o outro (Howe & Recchia, 2006). Deste modo, não possuir irmãos poderá influenciar a visão do indivíduo sobre o outro, nomeadamente no respeito e conhecimento do espaço e intimidade do outro, o que pode estar relacionado com maiores níveis de violência sexual na relação de namoro.

Foi verificado ainda que indivíduos que não estão atualmente numa relação (mas estiveram há menos de um ano e essa relação durou mais de três meses) perpetram e são mais vítimas de comportamentos abusivos, ameaçadores, violência emocional, abuso relacional do que participantes que se encontram atualmente numa relação. Este resultado pode ser explicado pela precocidade da violência, visto que quanto maior a distancia entre o primeiro episódio de violência e o início do relacionamento, maior será a probabilidade de a vítima permanecer na relação, devido ao vínculo afetivo que foi estabelecido com o agressor e à crença de que a relação irá melhorar com o tempo (Méndez & Hernández, 2001).

No que diz respeito ao consumo de drogas, verificou-se que indivíduos que consomem drogas praticam mais abuso relacional com o parceiro. A relação entre o uso de drogas e a violência no namoro ainda é algo escasso na literatura (Temple & Freeman, 2011; Caridade & Nunes, 2014), no entanto sabe-se que o consumo de drogas potencia o

risco de violência no namoro devido a criar défices no funcionamento cognitivo e no aumento da excitação e do comportamento irracional (Borges, 2018).

Analisando as diferenças entre a tolerância da violência no namoro e o género, verificou-se que existem diferenças, o que vai de encontro com a literatura (Feiring., Deblinger, Hoch-Espada & Haworth, 2002; Caridade & Machado., 2007; Moura, 2012). No presente estudo, indivíduos do sexo masculino toleram mais violência psicológica masculina do que indivíduos do sexo feminino. Segundo Saavedra (2010), os homens apresentaram mais tolerância aos diversos tipos de violência, independentemente do perpetrador, o que parece estar relacionado com a educação dada ao sexo masculino, em que o homem é visto e educado como alguém menos sensível e mais agressivo do que as mulheres, assim como com a auto percepção os homens possuem de si próprios, considerando-se seres com poder e dominância (Machado, Matos & Moreira, 2003). Na população juvenil, verificou-se que o sexo masculino é mais legitimador de violência devido a considerarem a violência como algo justificável consoante o comportamento que as mulheres adotem, com causa externa, nomeadamente álcool ou drogas, e considerada como algo comum ou pouco severo (Caridade, 2007; Machado, Matos & Moreira, 2003).

A exposição a violência intrafamiliar parece estar relacionada com comportamentos violentos nas relações, dessa forma foram analisadas possíveis diferenças entre a tolerância da violência no namoro e a exposição a comportamentos abusivos entre os pais na infância. Aqui, pode-se destacar que indivíduos que experienciam este tipo de violência entre os pais (nomeadamente, quebra de objetos, insultos e empurrões) estão mais propensos a perpetrar violência no parceiro. A violência é um conceito aprendido desde infância, assim se uma criança testemunhar ou experienciar algum tipo de violência na família, terá maior probabilidade de utilizar a violência como forma de exprimir frustrações (Heine, 2017). Cascardi (2016), Izaguirre

e Calvete (2017) reforçam esta ideia, e referem que sujeitos que tenham sido vítimas ou testemunhado comportamentos de violência na família de origem apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos no futuro.

Ainda na questão da violência, não existiram indicadores neste estudo de que crianças vitimizadas na infância possuem maiores índices de violência no namoro. A violência na infância é um fenómeno intergeracional, isto é, crianças expostas à violência são mais prováveis de experienciar ou perpetrar violência na adultícia (Kaukinen, Buchanan, & Gover, 2015). No entanto, estudos recentes (Wolfe Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004; Reyes, Foshee, Forston, Valle, Breiding, & Merrick, 2015) demonstraram que a exposição à violência não possui um efeito direto na tolerância à violência no namoro, mas pode ser considerada uma mediadora. Gover, Park, Tomsich e Jennings (2011) realizaram um estudo em que se verificou que jovens expostos a maus tratos na infância possuem maior risco de se tornarem agressores nas relações íntimas. Portanto, com relação a esse aspeto, no presente estudo verificou-se que a violência familiar é preditora da violência no namoro, e pôde-se aferir que quanto maior a exposição a violência familiar, menor tolerância o sujeito terá frente a este tipo de violência, da mesma forma verificou-se que não existe predição entre a tolerância da violência no namoro e a vitimização na infância.

Os resultados alcançados indicam que os estilos e práticas parentais impostos pelos pais poderá influenciar a forma como os jovens percecionam a violência no namoro e quais as atitudes com as quais concordam, nomeadamente pais permissivos parecem predizer nos filhos comportamentos de tolerância em relação à violência física masculina, do mesmo modo que mães menos autoritativas parecem predizer nos filhos comportamentos de tolerância em relação à violência física feminina. Este estudo revela que a violência no namoro ainda está presente na vida dos jovens portugueses,

nomeadamente a violência psicológica. É importante continuar a educar os jovens para as consequências da violência no namoro e ensinar-lhes qual a melhor forma de a prevenir e de reagir perante comportamentos violentos. No entanto, seria bastante viável realizar sessões de prevenção da violência no namoro com os pais, visto que pais com estilos autoritários e permissivos, têm maior probabilidade de possuir filhos que tolerem a violência no namoro. Deste modo, haveria uma prevenção secundária da violência no namoro podendo fazer com que futuramente os números diminuíssem.

Para além dos resultados obtidos, é importante mencionar algumas limitações do estudo, principalmente a nível de questões metodológicas, como a dimensão da amostra, a falta de representatividade de género e a utilização de uma amostra por conveniência. Outra limitação que deve ser abordada é a questão da localização dos participantes, sendo que quase todos residiam na região de Lisboa e Setúbal, o que não permite que seja uma amostra generalizada da população. Outra limitação deve-se ao facto de a amostra possuir mais indivíduos do género feminino do que masculino, o que se deve à pouca diferença de género no curso de psicologia e também a uma maior adesão por parte das mulheres a responderem a questionários online, principalmente tendo em conta o tema sensível que é.

Consoante as limitações dos instrumentos, pode-se salientar que a recolha foi feita através de contexto de grupo (turma) e online, o que pode ter desencadeado respostas por parte dos participantes, de forma a ir de encontro com a desejabilidade social. Em futuras investigações seria importante estudar a visão dos pais, no que toca aos seus próprios estilos parentais, comparando-a com a dos filhos, fora isto, seria também importante utilizar métodos qualitativos e quantitativos, de forma a compreender algumas atitudes e vivências dos jovens.

Conclusão

Os resultados obtidos no presente estudo revelam que a violência no namoro é algo frequente na atualidade e apesar de toda a divulgação e promoção contra este tipo de violência, esta ainda possui uma prevalência alta na juventude, como se pôde confirmar neste estudo e o que vai de encontro com a literatura encontrada. A violência mais praticada numa relação de namoro é a violência psicológica, sendo esta realizada através de insultos, ameaças, tentativa de controlo, isolamento, e devido a não ser uma violência física, acaba por ser considerada menos grave do que a violência física. Neste estudo verificou-se ainda que os homens parecem sofrer mais de violência relacional do que o género feminino, no entanto não podemos deixar de salientar que, no que toca à violência física segundo a literatura, as mulheres são mais vítimas.

A violência no namoro parece ser mais perpetrada por indivíduos que são filhos únicos, o que parece estar relacionado com a vivência familiar e com a ligação entre irmãos, que acarreta uma força emocional que ajuda os jovens a aprender lidar e a socializar com os pares, incluindo o parceiro. Assim, é possível compreender que a família é um dos principais fatores de risco para a violência no namoro, isto é, caso exista violência familiar ou vitimização na infância, há a possibilidade de os jovens reproduzirem esses comportamentos na idade adulta, levando-os a ter comportamentos desviantes, incluindo perpetrar violência doméstica ou mesmo ser vítimas desse comportamento. Assim, chegou-se à conclusão que quanto mais autoritários e permissivos os pais forem, maior a possibilidade de os jovens tolerarem a violência no namoro.

Tendo em conta os resultados descritos acima, é de extrema importância averiguar, não apenas os níveis de legitimação da violência no namoro, mas sim as vivências das vítimas e dos agressores, de forma a, no futuro, se poder intervir utilizando

os mecanismos corretos. A prevenção é a chave da diminuição deste tipo de violência, no entanto, a prevenção deve começar nos cuidadores das crianças, neste caso nos pais, visto que a família é o primeiro ambiente social onde a criança está inserida e é aqui que irá desenvolver-se para o futuro.

Em suma, este estudo contribui para uma melhor compreensão do fenómeno da violência, tendo em conta os estilos parentais adotados pelos pais, e pode ser útil na criação de ações de sensibilização e de modelos de prevenção da violência no namoro.

Referências

- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 28 (2), 255-267. Doi: 10.14417/ap.279
- Antunes, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serviço Social e sociedade*, 107, 405-419.
- Antunes, Joana, & Machado, Carla. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107
- Araújo, H. I. D. S. (2013). *Violência nas relações de namoro: Das motivações inerentes ao comportamento abusivo* (Tese de Licenciatura publicada). Criminologia, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480
- Arnett, J. J. (2006a). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2006b). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9(1), 111-123.
- Arnett, J. L. (2011). *Bridging Cultural and developmental approaches to psychology: new syntheses in theory, research and policy* (1ªed). Oxford: England.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2020). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2019*. Disponível em: www.apav.pt
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp.147-156) tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, (ed. original, 2002, Paris: Masson).
- Barber, B. K., & Harmon, E. L. (2002). *Violating the self: Parental psychological control of children and adolescents*. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (p. 15–52). American Psychological Association. doi: 10.1037/10422-002
- Barreiros, S. F. (2009). *Diferenças de género nas percepções dos jovens acerca do uso da violência no namoro*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
- Barros, S. M. (2014). *Violências nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas*. (Dissertação de mestrado em Medicina Legal, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, Portugal).

- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior, *Child Development*, 37(4), 887-907
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17(1), 3–23. doi: 10.1037/0012-1649.17.1.3
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. a. C. r., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre os adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191
- Blustein, D. L. (2006). *The psychology of working: A new perspective for career development, counseling, and public policy*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Borges, I. A. (2016). *Violência no namoro e consumos de substâncias em estudantes universitários* (Dissertação de mestrado em Criminologia na Universidade de Fernando Pessoa, Porto, Portugal)
- Bowlby, J., 1958. The nature of the child's tie to his mother. *Internation Journal of Psych-Analysis*, 39, pp.350-373.
- Buss, D. M. (2013). Sexual jealousy. *Psihologijske Teme*, 22(2), 155–182.
- Buss, D. M., & Haselton, M. G. (2005). The evolution of jealousy. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(11), 506-507
- Buunk, A. P., & Dijkstra, P. (2006). *Temptations and Threat: Extradynamic Relations and Jealousy*. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (p. 533–555). Cambridge University Press. Doi: 10.1017/CBO9780511606632.030
- Camacho, I. & Matos, M. G. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3 (2), 25-33.
- Camargo, Elisana Ágatha Iakmiu, & Ferrari, Rosângela Aparecida Pimenta. (2009). Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 937-946. Doi:10.1590/S1413-81232009000300030
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 17 (1), 91-113.
- Caridade, S. & Nunes, L. (2014). Dating Violence and Substance Use: Victimization, Agression and Gender. *Revista Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 6, 191-209.
- Carneiro, V. T., & Sampaio, S. M. R. (2015). Adulter emergente: um fenómeno normativo? *Revista saúde e ciência online*, 4 (1), 32-40.
- Carvalho, J. H. A. M. (2017). *A adulter emergente e a indecisão vocacional: um estudo com alunos do ensino superior português*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Lisboa, Portugal).

- Cascardi, M. (2016). From violence in the home to physical dating violence victimization: The mediating role of psychological distress in a prospective study of female adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(4), 777–792. doi:10.1007/s10964-016-0434-1
- Chiong, C., & Shuler C. (2010). *Learning: Is there an app for that? Investigations of young children's usage and learning with mobile devices and apps*. New York: The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop.
- Choi, H. J., Weston, R., & Temple, J. R. (2017). A Three-Step Latent Class Analysis to Identify How Different Patterns of Teen Dating Violence and Psychosocial Factors Influence Mental Health. *Journal of youth and adolescence*, 46(4), 854–866. doi: 10.1007/s10964-016-0570-7
- Coker, A. (2002). Pysical and mental health effects of intimate partner violence for men and women. *American Journal of Preventive Medicine*, 23(4), 260-268
- Cornelius, T. L., Sullivan, K. T., Wyingarden, N., & Milliken, J. C. (2009). Participation in prevention programs for dating violence: Beliefs about relationship violence and intention to participate. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(6), 1057-1078. doi: 10.1177/0886260508319363
- Cristóvão, C. M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: um estudo exploratório sobre a violência no namoro* (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal)
- Cucci, G., O'Leary, K., Olivari, D., Giulia, M., Bonanomi, A., Confalonieri, E. (2019). *Adolescent dating violence perpetration, emotion dysregulation, and parenting Styles*. *Journal of Family Psychology*, 33(1), 12-22
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e as suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria*, 25 (1), 9-21. doi: 10.1590/S0101-81082003000400003
- DeSteno, D., Bartlett, M. Y., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: Evolutionary mechanism or artifact of measurement? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1103–1116. Doi: 10.1037/0022-3514.83.5.1103
- Dinero, R., Conger, R., Shaver, P., Widaman, K., & Larsen-Rife, D. (2011). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1, 16-30. doi: 10.1037/a0012506
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58(5), 1244–1257. doi: 10.2307/1130618

- Duarte, P., & Lima, M. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro em jovens universitários. *Psychological*, 43, 105-124
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence: Developmental relationships. *American Journal of Preventive Medicine*, 33(4), 281–290. doi: 10.1016/j.amepre.2007.06.003
- Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: The role of gender, grade, and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(5), 373–385. doi: 10.1023/A:1015680625391
- Fuentes, M. C., García, F., Gracia, E., & Alarcón, A. (2015). Los estilos parentales de socialización y el ajuste psicológico: un estudio con adolescentes españoles. *Revista de psicodidáctica*, 20(1), 117-138.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families* (3rd ed.). Sage Publications, Inc
- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68(3), 507–529. doi: 10.2307/1131675
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2004). Moving into adulthood in a Southern European country: Transitions in Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências Sociais*, 3(3), 191-209.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., Ribeiro, P., UMAR (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. *Cescontexto*, 14-26
- Heine, J. A. (2017). *Intergeracionalidade da violência em relações afetivo-sexuais na adolescência: associações com a violência conjugal dos pais e maus tratos na infância*. (Trabalho de conclusão de graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Rio Grande do Sul, Brasil).
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 123–142. doi:10.1177/1524838003262332
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2011). The reported availability of US domestic violence services to victims who vary by age, sexual orientation and gender. *Partner abuse*, 2(1). Doi: 10.1891/1946-6560.2.1.3
- Howe, N., Brody, M.-H., & Recchia, H. (2006). Effects of Task Difficulty on Sibling Teaching in Middle Childhood. *Infant and Child Development*, 15(5), 455–470. doi:10.1002/icd.470
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2016). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in spanish adolescents. *Youth & Society*, 49(3). doi: 10.1177/0044118X16632138
- Jennings, W. G., Park, M., Tomsich, E. A., Gover, A. R., & Akers, R. L. (2011). Assessing the overlap in dating violence perpetration and victimization among South Korean college students: The

- influence of social learning and self-control. *American Journal of Criminal Justice*, 36(2), 188–206. doi: 10.1007/s12103-011-9110-x
- Kaukinen, C., Buchanan, L., & Gover, A. R. (2015). Child abuse and the experience of violence in college dating relationships: Examining the moderating effect of gender and race. *Journal of Family Violence*, 30(8), 1079–1092. doi: 10.1007/s10896-015-9731-9
- Lage, A. F. F. (2019). *Perceção dos jovens adultos sobre a violência no namoro: estudo das diferenças* (Dissertação de mestrado para obtenção do grau de mestre em psicologia da educação na Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal)
- Maas, C. D., Fleming, C. B., Herrenkohl, T. I., & Catalano, R. F. (2010). Childhood predictors of teen dating violence victimization. *Violence and victims*, 25(2), 131–149. doi: 10.1891/0886-6708.25.2.131
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol.4. Socialization, personality, and social development* (4th ed., pp. 1-101). New York: John Wiley.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psicologica*, 33, 69-83.
- Machado, L. M. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária). Universidade Fernando Pessoa do Porto. Escola de Estudos Pós-Graduados e de Investigação.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Marasca, A. R., Razera, J., Pereira, H. J. R., & Falcke, D. (2017). Marital physical violence suffered and committed by men: Repeating family patterns?. *Psico-USF*, 22 (1), 99-108. doi: 10.1590/1413-82712017220109
- Mars, T., & Valdez, A. (2007). Adolescent dating violence: understanding what is "at risk?". *Journal of emergency nursing*
- Melo, O., & Mota, C. P. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em estudo*, 18(4), 587-597.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adulter emergente: Na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @mbienteeducação*, 2, 129-137.
- Monteiro, A. S. C. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: as atitudes dos jovens universitários acerca da violência no namoro*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal).

- Moreno-Ruiz, D., Martínez-Ferrer, B., & Bacete, F. G. (2019). Parenting Styles, cyberaggression, and cybervictimization among adolescents. *Computers in Human Behavior*, 93, 252-259
- Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua perceção dos estilos parentais* (Dissertação de mestrado em Psicologia Educacional, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, sociais e da vida, Lisboa, Portugal).
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. doi: 10.1590/S0102-71822011000300009
- Oliveira, M., & Sani, A. (2009). *Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas*, Trabalho apresentado em VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, In Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, Braga.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). *Teen dating violence: a literature review and annotated bibliography*. Washington DC: Library of Congress.
- Oliveira, J. (2011) *Violência no Namoro: Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias*. (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade da Beira Interior: Covilhã.)
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes em namoro adolescente: um recorte de género em dez capitais do Brasil. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(3)
- O'Keefe, M. (2005). Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts. *National Electronic Network on violence against women*, 1-13.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-10
- Pinheiro, C.R. (2019). *Violência no namoro: Relações entre traços de personalidade, estresse, distorções cognitivas e práticas parentais* (Dissertação em Psicologia da Saúde na Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do campo, Brasil).
- Povedano-Díaz, A., Muñoz-Rivas, M. & Vera-Perea, M. (2019). Adolescents' Life Satisfaction: The Role of Classroom, Family, Self-Concept and Gender. *International Journal of Environment Research Public Health*, 17, p.19.
- Rankin, L. W., Degnan, K., Perez-Edgar, K., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., Steinberg, L., & Fox, N. A. (2009). Impacto of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of abnormal child psychology*, 37(8), 1063-1075. Doi: 10.1007/s10802-009-9331-3

- Renner, L. M., & Whitney, S. D. (2012). Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. *Child abuse & neglect*, 36(1), 40–52. doi: 10.1016/j.chiabu.2011.07.007
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Fortson, B. L., Valle, L. A., Breiding, M. J., & Merrick, M. T. (2015). Longitudinal mediators of relations between family violence and adolescent dating aggression perpetration. *Journal of Marriage and Family*, 77(4), 1016–1030. doi: 10.1111/jomf.12200
- Rohner, R. P. (2004). The Parental "Acceptance-Rejection Syndrome": Universal Correlates of Perceived Rejection. *American Psychologist*, 59(8), 830–840. doi: 10.1037/0003-066X.59.8.
- Romero, A. A., Gonzalo, M., Callejas, J. J. E., Sánchez, S. J. C., González, V. M. E. (2018). Factores predictores de la violencia relacional en la adolescencia, *Liberabit*, 24(1), 29-43
- Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2008). Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN). In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica (vol. II)*. Coimbra: Almedina.
- Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes (CADRI), In C. Machado, M. Gonçalves, L. Almeida & M.R. Simões (Eds), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica, vol.1* (pp. 269-283). Coimbra: Edições Almedina.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65(3), 754–770. doi: 10.2307/1131416
- Teixeira, A. I. G. S., Barroso, R., & Correia, E. (2015). *Violência física no namoro em jovens universitários* (Tese de Mestrado publicada). Psicologia Clínica, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Temple, J. R., & Freeman, D. H. (2011). Dating Violence and Substance Use Among Ethnically Diverse Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(4), 701–718. doi: 10.1177/0886260510365858
- Tjaden, P. G., & Thoennes, N. (2000a). Defining intimate partner violence. In P. G. Tjaden, & N. Thoennes (Org.), *Extent, Nature, and Consequences of Intimate Partner Violence* (pp. 5-8). Retirado de <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/21858>
- Tjaden, P. G., & Thoennes, N. (2000b). Risk factors associated with intimate partner violence. In P. G. Tjaden, & N. Thoennes (Org.), *Extent, Nature, and Consequences of Intimate Partner Violence* (pp.33-36). Retirado de <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/21858>

- Tyler, K. A., Brownridge, D. A., & Melander, L. A. (2011). The effect of poor parenting on male and female dating violence perpetration and victimization. *Violence and Victims, 26*(2), 218–230. doi: 10.1891/0886-6708.26.2.218
- Vázquez, F., Torres, A., Otero, P., Blanco, V., & López, M. (2010) Prevalência y factores de riesgo de la violencia contra la mujer en estudiantes universitárias españolas. *Psicothema, 22*(2), 196-201
- Veloso, N. M. (2013). *Violência no namoro em estudantes universitários: prevalência e diferenças entre géneros*. (Dissertação em Psicologia da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal)
- Véniza, J., & Hébert, M. (2007). Risk factors for victimization in romantic relationships of young women a review of empirical studies and implications for prevention. *Trauma, Violence & Abuse, 8*(1), 33-66
- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência, 3* (11), 95-103. doi: 10.12707/RIII12120
- Veríssimo, M., & Salvaterra, F. (2006). Maternal secure-base scripts and children's attachment security in an adopted sample. *Attachment & human development, 8*(3), 261–273. Doi:10.1080/14616730600856149
- Vigano, S.M.M., & Laffin, M. H. L. G. (2019). Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. *História (São Paulo), 38*. doi:10.1590/1980-4369e2019054
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos [Parenting Style: Perceptions of Children and their Parents]. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*(3), 323–331. doi: 10.1590/S0102-79722004000300005
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A.-L., & Grasley, C. (2004). Predicting Abuse in Adolescent Dating Relationships Over 1 Year: The Role of Child Maltreatment and Trauma. *Journal of Abnormal Psychology, 113*(3), 406–415. doi: 10.1037/0021-843X.113.3.406
- Willems, Y. E., Li, J. B., Hendriks, A. M., Bartels, M., & Finkenauer, C. (2018). The Relationship between Family Violence and Self-Control in Adolescence: A Multi-Level Meta-Analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 15*(11), 1-19. doi:10.3390/ijerph15112468

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Consentimento Informado

Anexo B – Questionário sociodemográfico

Anexo C – EAVN

Anexo D – CADRI

Anexo E – EMBU

ANEXO A

Consentimento Informado



Lisboa, 12 de novembro de

2019

Exmo.(a) Sr.(a),

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Lusíada de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Elisa Castro e sob responsabilidade da Psicóloga Licenciada Flávia Garrido, solicita-se autorização para a participação no estudo “Relações Parentais e Relacionamentos Amorosos”.

A participação neste estudo é voluntária. A sua não participação não lhe trará qualquer prejuízo.

A informação recolhida destina-se unicamente a tratamento estatístico e/ou publicação e será tratada pelo(s) orientador(es) e/ou pelos seus mandatados. A sua recolha é anónima e confidencial.

(Riscar o que não interessa)

ACEITO/NÃO ACEITO participar neste estudo, confirmando que fui esclarecido sobre as condições do mesmo e que não tenho dúvidas.

(Assinatura do participante ou, no caso de menores, do pai/mãe ou tutor legal)

ANEXO B

Questionário sociodemográfico

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Assinale, com um X, as respostas às seguintes questões:

1. Sexo

Masculino Feminino

2. Idade _____

3. Nacionalidade

Portuguesa Outra

4. Tem irmãos?

Sim Não

4.1 Se respondeu que sim à pergunta anterior, indique quantos irmãos tem.

5. Local de Residência _____

6. Atualmente, qual o curso universitário que frequenta?

6.1 E qual o ano? _____

7. Atualmente, encontra-se numa relação?

Sim Não

7.1 Se respondeu que sim à pergunta anterior, há quanto tempo se encontra na relação? _____

7.27.1 Se respondeu que não à pergunta anterior, já esteve numa relação estável por mais de três meses?

Sim Não

8. É consumidor de bebidas alcoólicas?

Sim Não

8.1 Se respondeu que sim à pergunta anterior, com que regularidade consome bebidas alcoólicas?

- Uma vez ou menos por semana
- Duas a três vezes por semana
- Quatro ou mais vezes por semana
- Uma vez por dia
- Mais do que uma vez por dia

9. Habitualmente consome drogas?

Sim Não

9.1 Se respondeu que sim à pergunta anterior, com que regularidade consome drogas?

- Uma vez ou menos por semana
- Duas a três vezes por semana
- Quatro ou mais vezes por semana
- Uma vez por dia
- Mais do que uma vez por dia

10. Qual a situação atual dos seus pais?

- Casados
- Divorciados
- União de facto
- Separados
- Viúvo/a
- Não sei

11. Alguma vez na sua infância/juventude...

	Sim	Não	Não sei
Os seus pais partiram ou atiraram objetos			

durante uma discussão?			
Os seus pais se insultaram um ao outro?			
Os seus pais se agrediram fisicamente?			
Viu os seus pais empurrarem-se um ao outro?			
Viu, ouviu ou teve conhecimento de ameaças entre os seus pais?			
Foi vítima de violência por parte dos seus pais?			

Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)

(Autores: Price, Byers, & *The Dating Violence Research Team*, 1999;

Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente

Discordo

Não concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte E

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte F

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001;

Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pedem-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduz o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

PARTE I

A) ASSINALA COM UMA CRUZ (X) A OPÇÃO QUE MELHOR SE APLICA À TUA SITUAÇÃO.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário)
- Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário)

B) SE JÁ ESTIVESTE ENVOLVIDO NUMA RELAÇÃO DE NAMORO, POR FAVOR, RESPONDE À SEGUINTE QUESTÃO:

Com que idade começaste a namorar? _____

C) NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ACTUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTAS QUESTÕES:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) actualmente.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

PARTE II

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua actual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento

Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento

Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento

Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
1. Eu apresentei os meus motivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.1 Ele(a) apresentou os motivos dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.1. Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furioso(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errado(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e meu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e meu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.1. Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.1. Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.1. Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.1. Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.1. Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.1. Ele(a) discutiu o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.1. Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.1. Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.1. Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecido(o) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.1. Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.1. Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.1. Ele(a) culpou-me pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.1. Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.1. Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu desisti só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.1. Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outros(as) raparigas/rapazes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Eu ameacei magoá-lo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu ameacei terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu espalhei bofetos contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.1 Ele(a) espalhou bofetos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

EMBU

(C. Ferris, L. Jacobsson, H. Lindstrom, L. Von Knorring & H. Ferris; 1984)
 Versão Portuguesa: M.C. Canavarro, 1997

Memórias de Infância

INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativamente à sua infância e adolescência. É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como eles são, até à actualidade. Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao teu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando para cada questão um X num dos quadros em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai, e outro num dos quadros em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.

Por exemplo:		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo.	Pai	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	X	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1. Os meus pais são severos ou zangam-se comigo sem me explicarem porquê.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os meus pais elogiam-me.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Desejo que os meus pais se preocupem menos com o que eu faço.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os meus pais dão-me mais castigos do que eu mereço.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando chego a casa tenho de contar tudo o fiz.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus pais estão a contribuir para que a minha adolescência seja uma época de aprendizagens importantes na minha vida.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Os meus pais criticam-me à frente dos outros.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus pais proíbem-me de fazer coisas que aos outros jovens são permitidas por terem medo que me possa acontecer alguma coisa.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Os meus pais incentivavam-me a ser melhor em tudo o que faço.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais fazem-me sentir culpado por os tratar mal.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me possa acontecer é exagerada.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Se as coisas me correm mal, eu sinto que os meus pais me tentam confortar e encorajar.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
13. Eu sou tratado(a) como a "ovelha ranhosa" ou como o "bode expiatório" da família.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus pais mostram com gestos e palavras que gostam de mim.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu sinto que os meus pais gostam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os meus pais fazem-me sentir vergonha de mim mesmo.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus pais não se preocupam muito com as minhas saídas.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sentia que os meus pais interferem com tudo aquilo que eu faço.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sinto que há ternura entre mim e os meus pais.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os meus pais estipulam limites sobre o que me é e não é permitido fazer, que seguem rigorosamente.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Os meus pais castigam-me mesmo por pequenos erros.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os meus pais é que decidem como eu me devo vestir ou parecer.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu sinto que os meus pais ficam orgulhosos quando eu sou bem-sucedido(a) em qualquer coisa na qual me tenha empenhado.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>